



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MECANISMOS ENUNCIATIVOS DE TEMPORALIZAÇÃO EM
*MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS***

FORTALEZA

2016

LÍVIA PEREIRA CHAVES

MECANISMOS ENUNCIATIVOS DE TEMPORALIZAÇÃO EM *MEMÓRIAS*
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Dr. José Américo Bezerra Saraiva

FORTALEZA
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C439m Chaves, Lívia Pereira.
Mecanismos Enunciativos de Temporalização em Memórias Póstumas de Brás Cubas / Lívia Pereira Chaves. – 2016.
72 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. José Américo Bezerra Saraiva.
1. Enunciação. 2. Temporalização. 3. Memórias Póstumas de Brás Cubas. 4. Breagens. I. Título.
CDD 410
-

LÍVIA PEREIRA CHAVES

MECANISMOS ENUNCIATIVOS DE TEMPORALIZAÇÃO EM MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Américo Bezerra Saraiva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr^a. Maria Helenice Araújo Costa
Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Ricardo Lopes Leite
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Às cordas do meu coração: minha mãe,
Solange; meus avós: José Rocha e Noeme
Pereira; ao Raimundo Barbosa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, autor da vida, que ouve nossas orações e nos capacita para fazer coisas que nós não acreditamos.

Agradeço à minha família pela atenção, pelo cuidado e por sempre estar comigo, torcendo para que tudo me vá bem.

Agradeço à minha mãe Solange, ao meu avô José Rocha e à minha avó, Noeme, por terem feito de mim o que hoje eu sou.

Agradeço ao tio Erasmo por toda atenção que tem para minha família e eu.

Agradeço ao primo Francivaldo, por sempre ter me ajudado durante toda a minha caminhada.

Agradeço ao Raimundo Barbosa, amigo, amante e companheiro, maior incentivador deste trabalho.

Agradeço, imensamente à Jani Vidal, por toda força e pela confiança que sempre teve em mim.

Agradeço à Marilde Alves pela paciência de ter lido essas páginas e feito suas recomendações para, assim, ter melhorado bastante este trabalho.

Agradeço à Camila Sousa, amiga querida, que sempre esteve comigo nos melhores e piores momentos.

Agradeço sobremaneira a José Roberto, amigo, professor, que sempre acompanhou minha vida acadêmica desde o início das Letras.

Agradeço à Meysse Mara, pela amizade.

Agradeço aos meus amigos de graduação e mestrado, amigos durante a trajetória de vida: Ana Cátia, Priscila Caxilé, Tiago Alves, Luann Ferreira, Jorge Luís. Vocês tornaram esse caminho áspero mais agradável.

Agradeço à Monalisa Costa, amiga querida de muitos anos.

Agradeço ao Fernando Spíndola, amigo querido, depois de todo trabalho, a melhor coisa da vida é parar e tomar um café com você.

Agradeço ao incentivo dos meus colegas de profissão do CEJA, Neudson Braga, Alexandre, Antônia, Tatiane, Katine, Verônica, Ipiranga. Nunca vou me esquecer da amizade sincera de vocês em comemorar comigo as minhas conquistas e chorar comigo as minhas perdas.

Agradeço à Norma e à Adriana, minhas gestoras, que sempre me incentivaram a terminar essa etapa e compreenderam a minha ausência, algumas vezes, devido a esta necessidade de realizar esta pesquisa.

Agradeço ao Clécio Bezerra, amigo com o qual pude compartilhar as minhas angústias, durante a escrita desse trabalho.

Agradeço aos melhores professores do mundo: Edméia e Felipe, professores do Ensino Médio, Ana Célia, Marlene Mattes, Monica Cavalcante, Monica Serafin, Sayuri, Leite Jr, Elizabeth Dias, Stélio Torquato e Maria Elias Soares, professores da graduação. Vocês foram os melhores professores que eu poderia ter. Eu sou resultado do trabalho de vocês.

Agradeço, imensamente, à Margarete Fernandes, que ainda na graduação me concedeu a oportunidade de aprender a fazer pesquisa no programa PIBIC.

Agradeço, imensamente, ao Américo Bezerra Saraiva, por toda a paciência em ter me ensinado coisas valiosas sobre a Semiótica e a vida.

Agradeço, ao Ricardo Leite, professor, amigo que sempre possui palavras sábias para orientar-nos.

Agradeço imensamente a disponibilidade da professora Dr^a Maria Helenice Araújo Costa para contribuir com este trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, pela prontidão em me ajudar em quaisquer angústias da vida acadêmica.

Agradeço ao Eduardo Xavier e à Vanessa, por toda a atenção dedicada a mim e a prontidão em atender os alunos do PPGL.

Agradeço à CAPES, por ter concedido incentivo financeiro para a preparação deste trabalho.

“A linguagem é polissêmica, ambígua, um instrumento imperfeito (...). Por ser polissêmica, justamente por isso que é inventiva.” (Greimas)

RESUMO

O presente trabalho analisou os mecanismos enunciativos de temporalização em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para a apreensão dos efeitos de sentido de transformações, subversões e desdobramentos temporais que dão a esse livro um caráter singular de inovação narrativa e complexidade enunciativa. Para tanto, apoiamos-nos no arcabouço teórico da Semiótica Discursiva, em Fiorin (1996), Cruz (2009) e Calbucci (2010). A primeira parte deste trabalho versa sobre os aspectos teóricos da Semiótica Discursiva, centrando a discussão na enunciação e na relação entre enunciação e tempo. Na segunda parte, foi apresentada a análise da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nossa metodologia consistiu em identificarmos, no texto, as digressões temporais que serviram de base para análise do jogo temporal em *Memórias Póstumas*, buscamos quais os mecanismos de temporalização operam nas prospectivações, retrospectivações e perspectivações e quais os sentidos que tais mecanismos trazem para o texto. Foi possível observar, neste trabalho, que o jogo enunciativo contribui para que a obra tenha um caráter singular. Nesse contexto, as prospectivações, retrospectivações e perspectivações são responsáveis pelos movimentos temporais enunciativos da obra e são manifestadas tendo como função adiantar ou postergar a narrativa, mudar o quadro da narrativa, presentificar os fatos da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Temporalização. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

RÉSUMÉ

Ce travail a examiné les mécanismes énonciatifs de temporalités dans *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pour déduire les effets de sens des transformations, subversions et développements temporels qui donnent à ce livre un récit de caractère unique d'innovation narrative et complexité énonciative. Pour cela, nous nous appuyons sur le cadre théorique de la sémiotique discursive de Fiorin (1996), Cross (2009) et Calbucci (2010). La première partie de ce travail porte sur les aspects théoriques de la Sémiotique Discursive vers le débat de l'énonciation et de la relation entre l'énonciation et le temps. Dans la deuxième partie, nous présentons l'analyse de l'oeuvre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Tout d'abord, on a identifié dans le texte les digressions temporelles qui étaient à la base de l'analyse du jeu temporel dans *Memórias Póstumas*, ce qui sont les mécanismes temporels liés aux plans prospectif, retrospectif et perspectif. Il a été possible d'observer, dans ce travail, que le jeu d'énonciation contribue avec un caractère singulier à cette recherche. Dans ce contexte, les plans prospectifs, retrospectifs et perspectifs sont responsables de mouvements temporels énonciatifs de l'oeuvre et ils sont exprimés en fonction d'avancer ou de retarder le récit, changer le cadre de la narrative, rendre le temps présent aux faits de la narration.

MOTS-CLÉS: Énonciation. Temporalité. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Quadro representativo dos níveis enunciativos	27
Figura 2 - Esquema das relações entre os níveis enunciativos e as debreagens de 1º e 2º graus	29
Figura 3 - Esquema de debreagem temporal	39
Figura 4 - Sistema Temporal	41
Figura 5 - Momento de referência pretérito	42
Figura 6 - Momento de referência futuro	43
Figura 7- Esquema de título da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 TEMPO, LITERATURA, ENUNCIÇÃO	15
2.1 O tempo na narrativa: uma aproximação entre Literatura e Semiótica	15
2.2 O tempo na obra literária	16
2.3 Estudos enunciativos de tempo	19
2.4 Temporalização: uma construção enunciativa	21
3 DA ENUNCIÇÃO AOS MECANISMOS ENUNCIATIVOS DE TEMPORALIZAÇÃO	24
3.1 Conceito de enunciação	24
3.2 Níveis enunciativos	24
3.3 Mecanismos enunciativos	34
3.4 As astúcias da enunciação	35
3.4.1 O tempo sistematizado	38
3.4.2 O tempo transformado	42
3.4.3 O tempo harmonizado	43
3.4.4 O tempo subvertido	43
3.4.5 O tempo desdobrado	44
4 PERCURSO METODOLÓGICO	46
4.1 Natureza da pesquisa	46
4.2 Métodos de procedimento	56
4.3 Delimitação do universo de pesquisa	47
4.4 Análise de dados	47
5 MPBC: ENUNCIÇÃO DO TEMPO OU TEMPO DA ENUNCIÇÃO	49
5.1 Sincretismo do enunciado-narrador e a temporalização em Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	49
5.2 O revestimento figurativo e o tempo em Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	53
5.3 Os advérbios e os sentidos de temporalização em Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	57
5.4 Mecanismos enunciativos em Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	57
5.5 Mecanismos que operam nas prospectivações.....	58

5.6 Mecanismos que operam nas retrospectivações.....	.60
5.7 Tempos em perspectivações.....	62
5.8 Memórias em Zigue-zague.....	68
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi publicado em 1888 e logo foi reconhecido como uma obra marco do Realismo Brasileiro. Riquíssima, do ponto de vista social, traz inovação em relação ao foco narrativo. Portanto, ela é uma obra que superou as narrativas dos grandes autores brasileiros contemporâneos a ela. Salienta Facioli (2008, p. 61) que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* rompem com o modo de fazer romance realista burguês, fazendo com que o romance no Brasil saltasse da infância para a plena vida adulta. Isso fez com que vários estudiosos de diferentes áreas se voltassem para essa obra singular através de diferentes pontos de vistas, como o literário, de Riedel (1955), Aguiar (2006) e Bosi (2006); o linguístico, de Câmara Jr. (2010) e o semiótico, de Cruz (2009) e Calbucci (2010).

Bosi (2006) diz ser Machado de Assis o ponto mais alto e equilibrado da prosa realista brasileira. E *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é tida como a obra que mais carrega o brilhantismo do autor, pois representa um salto qualitativo à obra de Machado. Um narrador irreverente que conversa com leitor e o leva para vários lugares na narrativa.

O que mais nos chamou atenção no romance *Memórias Póstumas* foram as questões referentes à instauração do tempo na obra. Brás Cubas leva o leitor para pontos diferentes da narrativa o que dá a obra um sentido de um tempo fragmentado. Esse assunto foi interesse pessoal nosso, desde o Ensino Médio, em que tivemos contato pela primeira vez com o livro e ficamos encantados com as peripécias desse narrador petulante que discute os fatos conosco e até prevê o que estamos a pensar. Quando conhecemos a Semiótica Discursiva, logo pensamos que esta poderia ser uma ferramenta válida para a análise de tal obra.

O tempo da narrativa é o que mais nos instiga em relação a *Memórias Póstumas*, já que a marcação do tempo se destaca como um dos principais procedimentos para aumentar, também, a adesão do narratário ao contrato enunciativo, proposto pelo narrador. Durante todo o relato, o texto parece que leva o leitor através do tempo, para instaurar tempos e espaços diferentes, onde o enunciatário fica com a sensação de que está sendo levado para vários tempos e espaços da narrativa diferentes.

A categoria tempo é a que mais nos salta aos olhos quanto a tais procedimentos enunciativos, pois esse narrador pseudo-enunciador ao narrar sua história leva o seu narratário para lugares, tempos, diferentes, tudo em uma conversa bastante informais.

Dessa forma o objetivo deste trabalho é analisar os mecanismos enunciativos de temporalização em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para a apreensão dos efeitos de sentido das transformações, das subversões e dos desdobramentos temporais que dão ao livro um caráter singular de inovação narrativa e complexidade enunciativa que fazem dessa obra singular no Realismo Brasileiro.

Para isso, primeiramente, identificamos quais mecanismos de temporalização operam nas prospectivações, nas retrospectivações e nas perspectivações temporais dos acontecimentos narrados em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e analisamos os mecanismos enunciativos de temporalização utilizados com destacada frequência em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Nosso trabalho é constituído quatro capítulos. O capítulo 02 intitulado Tempo, literatura e enunciação, em que relacionamos esses três aspectos fundamentais para nossa obra. Destacamos neste capítulo, a relação que há entre a literatura e a semiótica e como a semiótica pode contribuir para a afirmação dos estudos literários. Fizemos também nesse capítulo uma revisão da literatura no que condiz ao tempo em obras literárias. Fechamos o capítulo tratando da questão crucial deste trabalho: o tempo como uma construção enunciativa.

No capítulo seguinte, abordamos especificamente o tempo como um constructo enunciativo e fizemos um aparato sobre o conceito de enunciação, os níveis enunciativos, os mecanismos enunciativos e abrimos uma seção para trabalhar a obra *As Astúcias da Enunciação*, de José Luiz Fiorin, pois essa trouxe um estudo sobre os desdobramentos e transformações temporais enunciativas.

No outro capítulo, fizemos um percurso metodológico da nossa análise. Mostramos os passos da nossa pesquisa: ler a obra e buscar trechos que evidenciassem questões referentes ao tempo e também a como analisamos os mecanismos enunciativos de tempo nesses trechos.

Por último, a nossa análise dos mecanismos enunciativos de temporalização em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Dividimos esta seção em aspectos que achamos serem importantes para a obra: o sincretismo do enunciador-narrador e a temporalização no romance; o revestimento figurativo e o tempo; as digressões temporais; os advérbios e a temporalidade; os mecanismos enunciativos na obra; e os mecanismos que operam nas prospectivações, nas retrospectivações e as perspectivações em *Memórias Póstumas de Br*

2 TEMPO, LITERATURA, ENUNCIÇÃO

A literatura inventa um duplo do mundo em que se possa ter a ilusão da simultaneidade entre tempo e o discurso.

Antônio Medina Rodrigues

2.1 O tempo na narrativa: uma aproximação entre Literatura e Semiótica

Alguns estudiosos da Linguística e da Literatura já se debruçaram sobre a questão de não haver um mundo literário e um mundo linguístico, mas de haver uma convergência entre as ferramentas de dois campos de saberes. A Literatura dispõe de um objeto que muito interessa à Linguística; e a Linguística dispõe de ferramentas para analisar o objeto da Literatura. Essa discussão se faz presente no texto de Oliveira (2014), em que o autor faz uma reflexão epistemológica acerca de como o Estruturalismo usou uma metodologia linguística para analisar o texto literário. Jakobson (1952) diz que é bastante importante estudar a obra literária pelo viés linguístico, porque é no texto literário que vemos a maior expressividade das formas linguísticas.

Jakobson (1952), já mencionado acima, diz que o tema próprio das pesquisas sobre poesia é a linguagem, considerada a partir da sua função. No seu ensaio *Linguística e Poética* (1952), o autor parte da seguinte pergunta: “Que é que faz de uma mensagem verbal uma obra de arte?” Ele mesmo responde:

Sendo o objeto principal da Poética as *differentia specifica* entre a arte verbal e as outras artes e espécies de condutas verbais, cabe-lhe um lugar de preeminência nos estudos literários. A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística. (JAKOBSON, 1952, p.118)

Dessa forma, o objeto da Linguística já foi bem delimitado por Saussure: “a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana [...] por todas as formas de expressão”. A Literatura, a arte da palavra escrita, é uma forma de expressão linguística e, por isso, pode ser matéria de estudo para a ciência da linguagem.

A primeira visão que se teve quando o assunto debatido era a relação entre Literatura e Linguística foi de que a Linguística colocaria uma camisa de força no texto literário que teria que se adequar às suas categorias. Hoje, através dos avanços de áreas do saber, vemos que não

há essa camisa de força, mas que o método procura investigar o que subjaz às estruturas linguísticas.

Nesse ponto, a Semiótica Discursiva contribui bastante para o estudo do texto literário, pois, através do percurso gerativo de sentido, ela propõe níveis que mostram como surge a significação. Ao invés de ser um modelo teórico-metodológico, em que se pode pensar que o texto não se move dentro dos seus níveis, a Semiótica mostra como surge à significação, explica os efeitos de sentido do texto literário a fundo.

A enunciação, segundo Calbucci (2007) é útil e adequada para abordar o texto literário. Numa obra como *Memórias Póstumas*, em que os problemas enunciativos se destacam, faz-se mais que necessário um estudo enunciativo da obra, além do mais, o texto literário cria um simulacro da realidade, de verdade, o que alguns chamam de verossimilhança, e esse sentido de verdade é um resultado de instâncias enunciativas.

2.2 O tempo na obra literária: alguns estudos

A célebre afirmação de Saussure sobre o ponto de vista fazer o objeto é válida na Linguística e em outras áreas do conhecimento. Como o objeto de estudo deste trabalho é o tempo, a afirmação torna-se mais viva ainda porque a palavra “tempo” possui várias acepções, a depender de qual ponto de vista ele está sendo estudado. Vários campos do saber se preocupam em definir o tempo. Sociologia, Filosofia, Matemática, Física, Linguística, entre outras áreas, possuem a sua própria definição de tempo.

Como nosso estudo parte de um ponto de vista que leva em conta a enunciação, e o nosso objeto é o texto literário, abordamos a visão de alguns estudiosos da Literatura para provar o quão complexo é o tempo em Literatura e, depois, delimitamos nossa pesquisa, assumindo um ponto de vista baseado na Semiótica Discursiva, tendo em vista o tempo como construção enunciativa no texto.

Segundo Barbosa (1989), há três utilizações comuns da palavra tempo em Literatura: a) *topos*: o tempo é utilizado como motivo, como tópico em toda a Literatura, como algo que está acontecendo no momento em que se escreve algo. Esse tempo *topos* refere-se: 1) ao tempo em que a obra literária está sendo escrita e a todas as mudanças que estão acontecendo e influenciam na obra naquele momento de escritura; 2) à categoria de análise na obra literária e dos elementos que a constituem: autor, obra e leitor, pois o autor constrói um tempo na obra, de modo que o tempo da obra é uma categoria, é um modo de organização da narrativa, de

articulação da obra literária; 3) o tempo de interpretação da obra. O autor observa que, na realidade, o tempo de interpretação da obra é o tempo do leitor e pode ser estudado no tempo como categoria de análise. Há um leitor que, ao pegar uma obra literária traz vida ao texto, à narrativa. Na sua argumentação Barbosa (1889), dá ênfase ao autor e ao leitor que fazem parte de um tempo social marcados por todos os acontecimentos que fazem esse tempo social. “Há uma história na obra, uma história do autor e uma história do leitor”.

Outro autor que trata da questão do tempo em literatura é Nunes (1988). O autor na obra *O Tempo na Narrativa* afirma que o tempo é uma condição da narrativa, valendo-se da *Poética* de Aristóteles para mostrar que a primeira diferença entre os gêneros ocorre por via do tempo. O épico e o dramático aproximam-se, do ponto de vista do tempo, já o lírico incorpora eventos a partir de um “eu”, que implica um tempo subjetivo. A partir dessas considerações, o teórico mostra que, na obra literária, o tempo é percebido como cronológico, histórico e psicológico. Vale ressaltar que, segundo Nunes (1988), a divisão de tempo mais conhecida é a de tempo cronológico e de tempo psicológico. O primeiro remete a um tempo que se passa dentro do indivíduo; o segundo remete a um tempo no qual as ações ocorrem uma após outras.

Ingarden (1973) trata do tempo na obra literária como algo apresentado através dos acontecimentos; e sua realização está na obra em si. Somente algumas vezes, podemos encontrar palavras como “antes”, “depois”, “amanhã” e “ontem”, marcando os acontecimentos da narração; ou seja, nem sempre temos marcadores temporais da dar a ilusão de tempo transcorrido no texto. Para o autor, o tempo jamais se reveste da continuidade do tempo real, que transita do presente ao passado e do passado ao futuro. Por isso, ele diz que há as frases interrompidas, os momentos suspensos, os períodos vazios. Para Ingarden (1973), no tempo irreal da obra literária, o presente não goza do caráter preferencial que lhe cabe a realidade.

Outro grande autor da Literatura que também se debruçou sobre os estudos do tempo foi Todorov (1966). O autor fez a distinção entre um tempo do discurso (linear) e o tempo da história (pluridimensional). Muitos discursos podem desenrolar-se ao mesmo tempo, mas o discurso coloca-os um após o outro. É nesse tempo histórico que, para o referido autor, há os retornos, as antecipações, ora acelerando, ora retardando a sucessão temporal. Destaque-se que os retornos, as antecipações e a irreversibilidade do tempo são, também, efeitos que surgem a partir do encadeamento temporal enunciativos.

A obra de Genette (2007) é uma obra das mais fecundas, quando se objetiva estudar a estrutura da obra literária, e, além de tudo, o autor apresenta um dos trabalhos mais difundidos sobre tempo na Literatura, já que toca em questões referentes à enunciação e ao tempo, quando considera o estado de perfeita coincidência temporal entre narrativa e história um estado mais hipotético.

Para Genette (2007), o tempo da obra literária pode ser dividido em dois: um tempo da narração e um da narrativa. Para o autor, existe um tempo da narração e um tempo da narrativa. O tempo da narração, que situa o narrador da história, pode ser explícito ou não; enquanto que o tempo da narrativa é o tempo da história. Nem sempre, há uma coincidência entre ambos.

Genette propõe níveis narrativos, os quais já foram mencionados acima na fundamentação teórica, que são: extradiegético, diegese e metadieético. O primeiro corresponde a um ato literário. É a própria ação de narrar. O nível da diegese faz referência à instalação do narrador no enunciado e o metadieético ocorre quando o narrador dá voz a um personagem dentro da narrativa.

O nível da diegese foi muito explorado pelo autor por se tratar da instalação do narrador no enunciado. Em relação ao tempo, que é o que nos interessa, o autor explica que o tempo da diegese pode ser cronológico ou psicológico. O cronológico é objetivo, caracterizado por indicadores, anos, meses, pode ser extenso ou curto e é mensurável. O psicológico, por sua vez, trata- o tempo com caráter de fluidez, complexidade e subjetividade. O tempo vivencial das personagens.

O autor também sistematizou os casos de variação no tempo sob o ângulo de duas noções: ordem e duração. A discordância entre esses dois planos tem como pressuposto a existência de um grau zero que será um estado de perfeita coincidência temporal entre discurso e história. Então quando há essa discordância, o autor diz que há anacronias, isto é, recursos de recuo ou de avanço no tempo da obra literária, mais precisamente, análepse, quando há um recuo pela evocação de momentos anteriores na narrativa, e a prolepse, quando há uma antecipação de momentos posteriores aos que estão sendo narrados. Essa tentativa de explicar o tempo na obra literária ficou bastante conhecida por narrativa em flashback. Poderíamos afirmar com toda certeza de que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma narrativa que faz uso desse *flashback* e dessas prolepses a todo instante. E é assim que o tempo em *Memórias* tem sido explicado em muitos artigos e livros (AGUIAR JÚNIOR, 2006; RIDEL,1955).

O tempo também é tratado na obra de Bergson (1927), que fala do conceito de *durée*, ou seja, do tempo psicológico. *Durée* são momentos imprecisos, inseparáveis dos estados mutáveis da consciência. É aquele tempo interno que não dá para precisar quando começou.

Vejam, agora, autores que propõem uma proposta de estudo para o tempo da narrativa pelo ponto de vista linguístico. Citamos, dessa maneira, Weinrich (1968) e outro autor já mencionado aqui como pai da enunciação, Benveniste (2005), que tem um capítulo nos *Problemas de Linguística Geral* dedicado a essa questão.

Weinrich (1968) afirma que a forma gramatical exerce função diferente da que os gramáticos pensaram, conectando os tempos verbais às divisões do tempo. Os tempos verbais situam o leitor ou o ouvinte no processo comunicacional da linguagem. Então há uma relação entre os tempos e a situação em que eles são usados. A saber, presente, passado composto e futuro dizem respeito à situação discursiva de comentário; os pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito são usados na situação de contar ou narrar algo. O grande mérito dessa proposta é desvincular o tempo da linguagem do sistema de divisão gramatical, pautado na equivalência do presente, do passado e do futuro com a ordem natural das coisas, em proveito da temporalidade do próprio texto sempre relacionado com o tempo de ação, enquanto conteúdo de comunicação.

3.3 Estudo enunciativo do tempo

Benveniste (2005), no segundo volume de sua obra *Problemas de Linguística Geral*, afirma que nenhuma forma linguística é tão reveladora da experiência subjetiva como aquela que exprime o tempo. Segundo o autor, as maneiras de colocar o encadeamento das coisas são múltiplas e, além de tudo, a língua conceptualiza o tempo de modo totalmente diferente da reflexão. O teórico ainda propõe que o termo Tempo recobre representações bastante diferentes: tempo físico, duração interior, tempo crônico.

Segundo ele, o tempo físico do mundo, corresponde a um conjunto uniforme, infinito, correlato no homem, uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior do correlato psíquico do tempo físico do mundo, a duração interior. Por exemplo, o tempo de ida ao trabalho de uma pessoa pode ser mais longo ou mais rápido dependendo do ânimo dela.

Ainda há o tempo crônico que é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos. É a continuidade em que se

dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos Benveniste (2006). Segundo o autor, os acontecimentos não são o tempo, eles estão no tempo. Tudo está no tempo, exceto o próprio tempo.

O linguista francês afirma que tanto o tempo físico como o tempo crônico comportam uma dupla versão objetiva e subjetiva do tempo. A versão objetiva do tempo crônico é o calendário. Segundo o autor, todas as sociedades humanas instituíram um cômputo ou uma divisão do tempo crônico baseada na recorrência de fenômenos naturais e os calendários procedem de um momento axial que fornece o ponto zero do cômputo: um acontecimento muito importante que é admitido como dando às coisas uma nova direção. A esta condição o autor chama de estativa. Outra condição do tempo objetivo do calendário, segundo Benveniste, é a diretiva, isto é, tudo a partir do acontecimento no tempo se enuncia como algo que acontece antes ou depois ao acontecimento. Além dessas duas, o autor destaca que há outra condição para o tempo crônico: a mensurativa. Fixa-se um repertório de unidades de medidas que servem para denominar os intervalos constantes entre as recorrências de fenômenos cósmicos. O eixo do tempo crônico é fixo e imutável, caso não o fosse estaríamos perdidos no tempo.

Para Benveniste, tempo crônico é intemporal, porque as unidades devem ser fixas. O calendário é exterior ao tempo. Ele não o acompanha. Ele registra as séries de unidades constantes, denominadas dias. É um tempo estranho ao tempo vivido.

Sobre o tempo linguístico, o autor destaca que uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico, outra coisa é situá-lo no tempo da língua. “É pela língua que se manifesta a experiência humana de tempo e o tempo linguístico manifesta-se irreduzível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico”.

O que o tempo linguístico tem de singular é que ele está organicamente ligado ao tempo da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso. Esse tempo tem seu centro - um centro, geralmente, gerador e axial - no presente, instante da fala. Cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do presente ou uma forma equivalente, ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona. É evidente que este presente, na medida em que é função do discurso, não pode ser localizado em uma divisão particular do tempo crônico, porque ele admite todas as divisões e não se refere a nenhuma em particular.

Para o teórico, o presente é reinventado cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo ainda não vivido. O presente linguístico é o fundamento das

oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos engrenados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso deve ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção.

O presente, segundo o autor, é a única expressão temporal da linguagem. O presente está assinalado pela coincidência do acontecimento e do discurso, é por natureza implícita. Quando ele é explicitado formalmente, é por uma dessas redundâncias frequente no uso cotidiano. Por outro lado, os tempos não presentes, sempre explicitados na língua, a saber, passado e o futuro, não estão no mesmo nível do tempo que o presente. Nem possuem uma posição própria, nem em virtude de uma relação que devia ser então outro que aquela da coincidência entre o acontecimento e o discurso, mas somente como pontos vistos para trás ou para frente a partir do presente.

A Língua, por necessidade, deve ordenar o tempo a partir de um eixo, e este é sempre e somente a instância de discurso. É impossível deslocar este eixo referencial para colocá-lo no passado ou no futuro. O único tempo inerente a língua é o presente axial e este presente é implícito. Ele determina duas outras referências temporais; estas são necessariamente explicitadas em um significante e em retorno fazem aparecer o presente como uma linha de separação entre o que não é mais presente e o que vai sê-lo. Essas duas referências não se relacionam ao tempo, mas as visões sobre o tempo, projetadas para trás e para durante a partir do ponto presente.

2.4 Temporalização: uma construção enunciativa

Benveniste (2005, p. 77) destaca que a temporalidade se insere no processo de comunicação por sua inteligibilidade. A temporalidade do locutor, ainda que literalmente não seja a do locutor, é identificada por este. Além de tudo, quando esse interlocutor assume a locução acontece o processo inverso e a temporalidade do que agora é locutor passa a ser daquele que o escuta. O tempo do discurso funciona como um fator de intersubjetividade o que de unipessoal ele deveria ter o torna onipessoal.

Outra característica dela é que a temporalidade linguística é centrada no hoje e não pode ser deslocada para trás e para frente senão à distância de dois dias: para “trás”, “ontem”,

e “anteontem”; para frente: “amanhã” e “depois de amanhã”. Uma terceira gradação, segundo o autor, seria excepcional: “trás de antes de ontem”.

O tempo, em Semiótica, vem estudado na Sintaxe Discursiva do percurso gerativo do sentido. Antes de explorar essa categoria, vamos realizar uma rápida apresentação da Semiótica Francesa, fundada por Algirdas Julius Greimas. No *Dicionário de Semiótica* (2008), o processo de geração do sentido é compreendido como um percurso gerativo, simulacro metodológico, que vai do mais simples e abstrato até o mais complexo e concreto. Cada nível possui uma descrição linguística adequada. Os autores, então, distinguem-se em três lugares considerados como de articulação da significação: as estruturas sêmio-narrativas, as estruturas discursivas. As primeiras constituem o nível mais abstrato, a instância *a quo* do percurso gerativo, se apresentam sob a forma de uma gramática semiótica e narrativa que comporta dois componentes – sintático e o semântico e dois níveis de profundidade: um nível fundamental e um nível narrativo, cada um com uma sintaxe e uma semântica. Já em relação às estruturas discursivas, os autores entendem que são estruturas menos profundas encarregadas de retornar as estruturas semióticas de superfície e colocá-las em discurso fazendo passar pela instância da enunciação. Nas estruturas discursivas se faz necessário distinguir também uma Sintaxe e uma Semântica. A Sintaxe faz referência à discursivização das estruturas narrativas, que comporta os três subcomponentes: actorialização, temporalização e espacialização; e a semântica discursiva trabalha com os subcomponentes: tematização e figurativização, que visam a produzir discursos abstratos ou figurativos.

Greimas e Courtés (2008) colocam a temporalização como um processo de instauração de um tempo na discursivização das estruturas narrativas. Quando há enunciação, faz-se necessário um processo de colocação de atores, de um espaço e de um tempo no discurso, pois a enunciação é a instância que atualiza as estruturas sêmio-narrativas em discurso. E a temporalização é um subcomponente da Sintaxe Discursiva, pois a instauração do tempo no discurso é uma questão enunciativa. Por esse motivo, falamos em temporalização e não em tempo. Usa-se o termo “temporalização” porque é a instauração das categorias que denotam tempo no discurso.

Segundo Greimas e Courtés (2008, p. 497) a temporalização é um dos subcomponentes da discursivização (ou Sintaxe Discursiva) e depende da mobilização dos mecanismos de debreagem e de embreagem que remetem à instância da enunciação. A temporalização, para os autores, consiste num conjunto de procedimentos que podem ser agrupados em vários subcomponentes. Os autores distinguem, em primeiro lugar, a

programação temporal, cuja característica principal é a conversão do eixo das pressuposições (ordem lógica de encadeamento dos programas narrativos) em eixos de consecuições (ordem temporal e pseudocausal dos acontecimentos); e os procedimentos de debreagem e embreagem temporais, segmenta e organiza as estruturas narrativas. A aspectualização que transforma as funções narrativas (do tipo lógicas) em processos que o olhar de um actante-observador instalado no discurso-enunciado avalia.

3.DA ENUNCIACÃO AOS MECANISMOS ENUNCIATIVOS DE TEMPORALIZAÇÃO

3.1 Conceito de enunciação

O autor que, primeiramente, delineou um estudo sobre enunciação foi Benveniste (2006, p.82). Para esse autor “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato de utilização”. Enunciação é o ato mesmo de produzir o enunciado e não o texto do enunciado. Este ato é o fato de o locutor mobilizar a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso.

Para o autor, a enunciação possui caracteres formais de sua realização, que se desenham no interior da língua e que podem ser identificados a partir da manifestação individual que ela atualiza. Enunciação é o próprio ato e as situações em que ela se realiza, os instrumentos de sua realização. Enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Benveniste (2006) fala que a enunciação possui caracteres e esses surgem a partir da manifestação individual que ela atualiza.

O autor explica que o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz, em primeiro lugar, o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação e, por isso, a língua, antes da enunciação, não passa de uma possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita outra enunciação de retorno.

A enunciação pode definir-se em relação à língua, segundo Benveniste (2006), como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos.

Segundo Benveniste (2006), o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Esse é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Primeiramente, há a emergência e os índices de pessoa (a relação eu-tu), que não se produz senão na e pela enunciação, com o termo “eu”, denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo “tu” considerando o indivíduo que aí está presente como alocutário.

Da mesma natureza e se relacionando à mesma estrutura de enunciação são os numerosos índices de ostensão (este, aqui), diz Benveniste (2006). As formas denominadas de

pronomes demonstrativos aparecem como uma classe de indivíduos linguísticos de formas que nomeiam sempre e somente a indivíduos, quer se trate de pessoas, de momentos, de lugares, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos. Os tempos verbais – formas temporais que se determinam em relação ao EGO, centro da enunciação. Os tempos verbais, cuja forma axial é o presente, coincidem com o momento da enunciação.

Portanto, para Benveniste, pai da enunciação, esse é o ato e o processo de criação de um homem na língua. E aí temos uma grande abstração, pois esse homem só existe na e pela língua. É o homem que diz “eu”, que cria em torno de si um centro gerador de uma pessoa, um espaço e um tempo.

A enunciação pode ser estudada como ato e processo. É ato porque, como dito por Benveniste, enunciação é a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização. E esse ato “nunca se reproduz duas vezes idêntico a si mesmo”. A outra forma de estudarmos a enunciação é como processo e é um processo de instauração de uma pessoa, um espaço e um tempo no enunciado.

Uma questão pertinente aqui é a de enunciado e enunciação. Há duas formas de percebermos isso. A primeira, a enunciação, é o processo; e o enunciado é o produto. E, na outra, a enunciação seria uma instância criada no enunciado a partir do enunciado, pois é preciso ver as marcas linguísticas do enunciado para, enfim, chegarmos à enunciação.

O conceito de enunciação é fundamental para Semiótica. Mas não foi sempre que a Semiótica se ocupou da enunciação. Foram anos até que a enunciação tomasse seu lugar entre os estudos da Semiótica Discursiva tal como afirma Bertrand (2003), quando diz que a Linguística da Enunciação alcançou o seu momento mais alto entre os anos de 1960 e 1970. Apesar de ela estar sendo estudada nessa época com afinco por linguistas de toda parte, houve um grande receio por parte dos semioticistas em aceitá-la devido à ontologização do sujeito que poderia, de certa forma, interferir sobremaneira na imanência do texto.

Em um primeiro momento, Greimas (1960) eliminou o parâmetro da subjetividade e das principais categorias que a manifestam: a pessoa, o tempo, os dêiticos espaciais, os elementos fáticos. A rejeição dessas categorias era estritamente metodológica, devido ao semioticista ser fiel ao modelo teórico metodológico proposto pela semiótica de estudar o texto a partir da imanência linguística.

A possibilidade de reintegrar a problemática da enunciação ao modelo teórico da Semiótica Discursiva surge quando Greimas debruça-se sobre o estudo de textos poéticos e

diz ser a enunciação essencial ao texto. Começa-se a ver a enunciação como um pressuposto implícito no texto, a enunciação passa a ser entendida nesse momento, nas palavras de Bertrand (2003), “como um enunciado de um tipo particular, isto é, como um enunciado dito enunciação, por comportar outro enunciado como seu actante-objeto”. Dessa forma, a enunciação acha seu lugar em Semiótica a partir da ideia de que ela está logicamente pressuposta pelo enunciado.

Nesse momento, traz-se para discussão o sujeito enunciador, como um sujeito lógico, instância teórica que constrói pouco a pouco, ao longo do discurso, a sua espessura semântica. (BERTRAND, 2003)

Nessa época, vai-se delineando um arcabouço teórico do que seria o tratamento da semiótica para o processo da enunciação:

É, pois, somente a partir do conhecimento que temos do enunciado, que essa instância pode ser apreendida, segundo um caminho a montante, do fim para o começo, e não o inverso. As formas estruturais organizadoras do discurso-enunciado, em primeiro lugar, as estruturas actanciais, vão ser então mobilizadas e transpostas para descrever essa recorrência da enunciação, que acompanha a totalidade do discurso. (BERTRAND, 2003, p. 82)

A estruturação da significação a partir de diferentes níveis foi estabilizada no fim dos anos 1970. Com a apresentação do arcabouço teórico do que seria percurso gerativo da significação, a enunciação ganha realmente seu posto em semiótica e aparece como uma instância de mediação e de conversão crucial entre estruturas profundas e estruturas superficiais.

Para Greimas e Courtés (2008), a enunciação é a instância de mediação, que assegura a discursivização da língua que permite a passagem da competência à performance, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob a forma de discurso. É a instância linguística logicamente pressuposta pela própria instância do enunciado, que comporta seus traços e suas marcas. A enunciação é a instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempos e de espaços. Por isso, a sintaxe do discurso, ao estudar as marcas da enunciação no enunciado, analisa três procedimentos de discursivização: a actorialização, a espacialização e a temporalização, ou seja, a constituição das pessoas, do espaço e do tempo do discurso.

Em 1974, Greimas publicou o texto “A enunciação (uma postura epistemológica)”, em que ele faz um delineamento do conceito de enunciação e de qual é a postura do semioticista para lidar com esse processo.

Para defini-la, ele a contrapõe ao enunciado. O linguista lituano explica que o enunciado é um conceito claro em Linguística, pois ele diz respeito à frase linguística nos seus elementos mais simples; isto é, um enunciado elementar. Enunciado seria, para o autor, o que é dito ou escrito, enfim, o que é comunicado. Em um sentido amplo, enunciado, para o autor é o que é enunciado, isto é, todo encadeamento sintagmático que transcende, ultrapassa as dimensões da frase e que compreende, portanto, discurso enquanto enunciado enunciado.

O enunciado pressupõe a existência de um sujeito da enunciação. (GREIMAS, 1974) A partir dessa informação, o semioticista trata da enunciação opondo-a ao enunciado, possuindo a enunciação ela também, a estrutura de um enunciado elementar, com um sujeito, um predicado e um objeto, mas com a diferença que o actante objeto da enunciação é um enunciado.

A partir daí, o autor já desenha uma primeira acepção do conceito: a enunciação é um enunciado no qual o actante-objeto é manifestado. Ela não é manifesta, ela é pressuposta logicamente pelo enunciado. Por isso, ela não pode ser conhecida exceto pela forma de pressuposição lógica e esse é único modo de existir da enunciação.

Toda confusão vem do fato de que o sujeito da enunciação, que é um sujeito lógico, é considerado pelos linguistas, sobretudo pelos literatos e pelos filósofos, como um sujeito ontológico. A confusão é simples porque se eu sou de carne e osso, aqui como ser existente e eu digo *A terra é redonda*, então dizemos que *Greimas* é quem é o sujeito da enunciação deste enunciado *a terra é redonda*, então dizemos que *Greimas* é quem é o sujeito da enunciação deste enunciado *a terra é redonda*. Mas, linguisticamente, postular a existência de *Greimas* significa postular a existência de um referente exterior a linguagem. Isto é antisaussuriano e toda semiótica vai por água abaixo. Pois isso equivale a afirmar que existe uma realidade extralinguística que nós podemos conhecer através de métodos que são linguísticos. Do mesmo modo, se é por métodos não-linguísticos que conhecemos, falta coerência lógica quando falamos em linguística. E a partir disso, há um campo aberto a todas as filosofias, a todas as psicanálises e tudo o que vocês quiserem. (GREIMAS, 1974, p. 10)

O conceito de enunciação na Semiótica Discursiva é uma ferramenta importante no olhar do semioticista para o texto literário, pois através dele podemos pensar nesse texto, a partir da língua, tal como fala Sausure (2012). O texto, segundo Greimas (1974), na medida em que é manifestado, é a única realidade da qual a Linguística se ocupa. Além de tudo, a ciência da linguagem tem um projeto de pesquisa coerente para estudar o texto.

Um exemplo da aplicabilidade disso é na obra que estamos estudando. Se pensarmos na realidade exterior, seria impossível um defunto narrar uma história, carregadas de artimanhas, de saltos temporais. Mas, como o texto é um simulacro do mundo real, é possível

que, linguisticamente, constroem-se as *Memórias Póstumas*. É por isso também que Greimas (1974) afirma que a linguagem é polissêmica, ambígua, um instrumento imperfeito e essas características garantem a eficácia da linguagem.

Portanto, Greimas (1974) assume a postura epistemológica de que enunciar é criar mundos. Quando um há um enunciado, é porque por detrás dele há um sujeito da enunciação, há um processo de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado.

O sujeito da enunciação não é jamais apreensível e todos os eus que vocês acham no discurso enunciado não são sujeitos da enunciação, são simulacros. Daí a dificuldade e o problema que é perguntar em termos tão ingênuos: quem fala no discurso? Os diferentes eus que vocês encontram nos discursos já são eus falados e não eus que falam. Porque o eu da enunciação está sempre oculto, está sempre subentendido. (GREIMAS, 1974, p.12)

Greimas (1974) destaca que a enunciação é o lugar da veridicção. E o que o autor afirma tem muita relação com a argumentação. Todo enunciado pressupõe uma enunciação que não é explícita no enunciado. Todo enunciado tem uma estimativa de caráter mais ou menos verídico de uma constatação. E a grande questão é que não só sujeito da enunciação atrai um efeito de verdade, “mas é preciso que o leitor, o destinatário entre no jogo e aceite esta regra. Isso constitui o que chamamos de contrato enunciativo”. Greimas (1974, p. 39)

A todo enunciado, segundo Greimas (1974), atribui-se um grau de veridicção em um nível implícito e em um nível explícito também, pois o destinador e o destinatário podem ser transportados para o discurso e encontrar-se como actantes no interior do discurso.

Manar Hammad (1983) publicou o artigo *L'énonciation: preces et système*, mostrando que a enunciação aborda três especificidades: a) as instâncias enunciativas – sujeito da enunciação definido por um eu – aqui- agora e o enunciatário – pressuposto pela operação de interpretação de um texto; b) a operação enunciativa: que, como já falou Benveniste(2006), garante a conversão de língua a discurso; c) a enunciação enunciada ou as marcas da enunciação no enunciado, que é o foco do autor nesse texto.

Segundo Hammad (1983), os elementos portadores da enunciação são um estatuto lógico diferente dos elementos da enunciação. A enunciação deixa marcas no enunciado e, se análise fosse apenas essas marcas para chegarmos à enunciação, estaríamos presos apenas a análises frasais, crítica que o autor faz a Benveniste. Para Hammad (1983), Benveniste não preza pela estruturação dos atos de fala em sua totalidade, o que ele faz é apenas uma análise frasal.

Hammad (1983) assume a seguinte postura: o processo de enunciação enunciada é metalingüístico ao processo de enunciado enunciado. Existe uma relação hierárquica entre os dois processos que determina a enunciação enunciada como sendo uma metalinguagem em relação ao enunciado enunciado. Essa relação hierárquica, segundo o autor, reconhece duas totalidades estruturais opostas: aquela da enunciação enunciada e a do enunciado enunciado. De forma separada, essas duas totalidades são suscetíveis de serem descritas em todas as etapas do percurso gerativo. Isso faz com que seja possível pensar a questão das relações relativas dos diversos níveis desses sistemas para melhor identificar as relações que há entre enunciação e enunciado. Essas relações levam a um efeito de sentido de um processo sobre o outro.

O autor destaca que a enunciação enunciada marca as relações entre as instâncias do enunciador e do enunciado e do enunciatário e enunciado. Na visão de Hammad (1983), a articulação dos dois sistemas da enunciação enunciada e do enunciado enunciado permite reestabelecer em perspectiva a comunicação humana em geral: de um ponto de vista independente as diversas formas de expressão que aparecem nesses dois sistemas apontam: a) um enunciado enunciado carrega o sentido de uma mensagem objetiva; b) as marcas imanentes da enunciação enunciada revelam as instâncias enunciativas; c) Essas marcas revelam o contrato fiduciário.

Fiorin (1996, p. 38) a partir de Kerbrat- Orecchioni (1990) distingue enunciação no sentido *lato* e enunciação no sentido *stricto*. São considerados fatos enunciativos, em sentido *lato*, todos os traços linguísticos da presença do locutor no seio de seu enunciado, mostrando o que Benveniste chamava a subjetividade na linguagem. Em sentido *stricto*, os fatos enunciativos são as projeções da enunciação (pessoa, espaço, tempo) no enunciado, recobrando o que Benveniste chamava de “o aparelho formal da enunciação”. Tanto em um sentido, como em outro, a enunciação é enunciação enunciada, isto é, marcas e traços que a enunciação propriamente dita deixou no enunciado.

Enunciação reportada corresponde a um simulacro no interior do discurso da relação de comunicação entre enunciador e enunciatário. A enunciação enunciada é a maneira pela qual o enunciador impõe ao enunciatário um ponto de vista sobre os acontecimentos narrados. A enunciação reportada cria diferentes efeitos de sentido, como objetividade, subjetividade ou realidade.

Para produzir o enunciado, o locutor precisa introduzir uma pessoa, um espaço e um tempo; isto é, um *eu*, um *aqui* e um *agora*. Por isso, dizemos que a enunciação se define como

a instância do *eu – aqui - agora*. É a categoria de pessoa que organiza a categoria de espaço e de tempo. A pessoa é quem enuncia, é o “eu” que diz “eu” ou “ele” no enunciado; um tempo, que é o momento em que esse “eu” diz “ eu”; e o espaço, que é o lugar da enunciação. Deixamos claro que esse “eu” é construído pela linguagem e não se trata, pois, do ser empírico. À instauração do sujeito no discurso, chamamos actorialização; à do espaço, espacialização; e à do tempo, temporalização.

3.2 Níveis enunciativos

O termo actante, segundo Greimas e Courtés (2008), remete a *Tesnière*, segundo o qual actantes são seres ou as coisas que, a um título qualquer e de um modo qualquer, ainda a título de meros figurantes e da maneira mais passiva possível participam do processo. Nessa perspectiva, actante é um tipo de unidade sintática de carácter propriamente formal a qualquer investimento semântico e/ou ideológico. Esse termo pode ainda ser interpretado tendo em vista a gramática de casos de Fillmore, em que cada caso pode ser considerado como a representação de uma posição actancial. Como a semiótica toma para si a ideia de actante, explica Greimas e Courtes (2008, p. 21):

A gramática actancial de tipo semiótico apresenta-se como uma formulação mais abstrata da gramática dos casos: localizada em um nível mais profundo, não submetida a uma fórmula linguística frasal, ela é capaz de explicar a organização dos discursos narrativos (no nível da sintaxe narrativa dita de superfície) graças às categorias sintáticas funcionais (sujeito, objeto, predicado, etc.) que ela explicita para construir-se deste ponto de vista ela se diferencia das gramáticas categoriais (que jogam com as classes morfológicas) ou das gramáticas sintagmáticas (que se baseiam nas classes distribucionais).

Greimas e Courtés (2008) ainda fazem a distinção entre actantes da comunicação e os da narração, sintáticos, funcionais. O actantes da comunicação, chamados também de actantes da enunciação, são o narrador e o narratário, o interlocutor e interlocutário participam da estrutura da interlocução de segundo grau, ou seja, do diálogo. Os actantes da narração, por sua vez, são chamados também de actantes do enunciado. São o sujeito/objeto; destinatador, destinatário; os actantes sintáticos são aqueles que participam do programa narrativo, o sujeito de estado e o sujeito do fazer. Os actantes funcionais que subsumem os papéis actanciais de um determinado percurso narrativo, no que tange às duas dimensões discerníveis nos discursos, distinguiremos, por exemplo, sujeitos pragmáticos e sujeitos cognitivos.

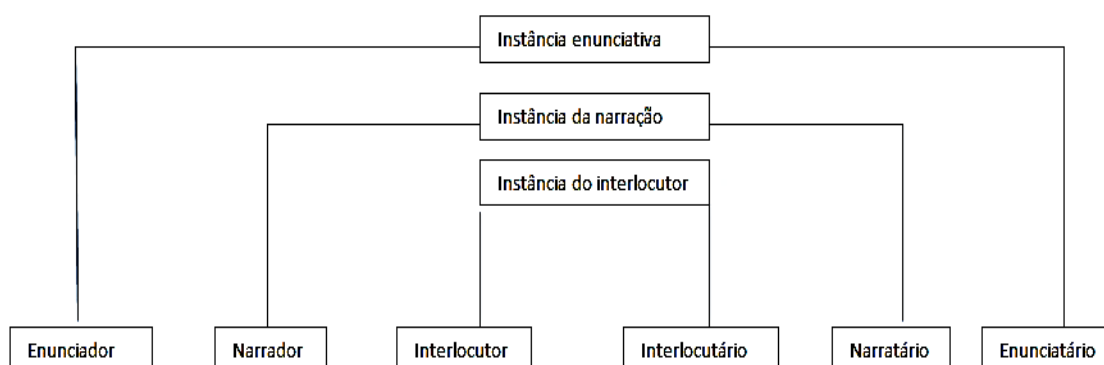
Faz-se necessário, portanto, distinguir os actantes dos atores. Segundo Greimas e Courtés (2008), o ator é o lugar de convergência e de investimento dos dois componentes, o sintático e o semântico. Barros (1988) afirma que o actante pertence à sintaxe narrativa e se define pelos papéis actanciais que engloba. Na instância discursiva, o actante converte-se em autor, ao receber investimento semântico, temático e/ou figurativo. Entretanto, percebe-se que um único actante sujeito pode manifestar-se através de diversos atores-ocorrendiais. (GREIMAS E COURTÉS, 2008)

A enunciação pode ser analisada como a instância de instauração do sujeito. Por isso, a categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso. Já foi mencionado acima que Benveniste, percussor dos estudos enunciativos, mostra a enunciação como sendo o ato individual pelo qual se utiliza a língua. Dessa forma, ele introduz, em primeiro lugar, o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. (BENVENISTE, 2006)

Há duas instâncias: o eu pressuposto e o eu projetado no interior do enunciado. A primeira é a instância do enunciador e a segunda do narrador. Para cada “eu” há um “tu”, portanto, há um “tu” pressuposto, o enunciatário, e um “tu” projetado no interior do enunciado, o narratário. O enunciador e o enunciatário são autor e leitor construídos pelo texto. O narrador e o narratário estão no texto quando a enunciação deixa marcas no texto.

O narrador ainda pode dar voz às personagens que falam em discurso direto, instaurando-se como “eu” e estabelecendo aqueles com quem falam como “tu”. Nesse ponto, temos o interlocutor e o interlocutário (FIORIN 2008, p.56). Em suma, as instâncias enunciativas são três: enunciador/enunciatário, narrador/narratário, interlocutor/interlocutário. Na figura 01, podemos ver um organograma dessas instâncias enunciativas:

Figura 01 – Quadro representativo dos níveis enunciativos



Segundo o *Dicionário de Semiótica Discursiva* (2008, p. 171), o enunciador é o destinador implícito da enunciação distinguindo-se do narrador como um “eu”, que é um actante obtido pelo procedimento de debreagem, instalado explicitamente no discurso. Em outras palavras, em todo texto há uma voz que enuncia, que é responsável por todas as escolhas naquele enunciado. Esse é o enunciador. Ele pode estar no texto de duas maneiras: primeiramente simulando a enunciação no enunciado- colocando-se como eu- aqui- agora- ou ele ainda pode se apagar no enunciado – forjando um ele-lá-então.

Segundo Greimas e Courtés (2008), o nível do narrador/narratário é quando o destinador e o destinatário do discurso estão explicitamente instalados no enunciado (o caso do eu e do tu). São actantes da enunciação enunciada, são sujeito diretamente delegados pelos enunciador/ enunciatário.

Reproduzindo sob forma de simulacro, no interior do discurso, a estrutura da comunicação, o diálogo, pressupõe os dois actantes – destinador e destinatário, que são, então, denominados interlocutores, ou, separadamente, interlocutor/interlocutário.

Portanto, podemos pensar em explicitar o papel do enunciador da seguinte maneira: o enunciador, que é o autor criado pelo texto que fala diretamente para um enunciatário, pode dar voz ao personagem, criando assim o narrador que vai falar para um narratário. Ainda podemos falar do interlocutor, caso o narrador queira dar voz para outro personagem dentro do texto. O interlocutor, por sua vez, fala para o interlocutário.

Calbucci (2007) aponta um problema quanto a esses níveis enunciativos. Dentre eles: a delegação de voz. Ao narrador, é dada a competência de poder conduzir o discurso de diferentes modos. E, se essa condução pode ser feita “de diferentes modos”, e isso apenas confirma as múltiplas possibilidades de actorialização discursiva, essa informação reitera a importância da noção de foco narrativo que:

É, sem dúvida, um problema de delegação de voz. Considera-se a delegação de voz como resultante da operação de debreagem ou embreagem ou de projeção da instância da enunciação no discurso. Em termos de sintaxe, pode-se afirmar que o sujeito da enunciação, para construir seu objeto, instala um ou mais sujeitos delegados, aos quais atribui o /dever-fazer/, que os instaura como sujeitos e o /poder-fazer/ ou poder falar por ele, que os qualifica, eu os dota de “voz”. (BARROS, 1988, p.84)

O narrador é um sujeito. É, portanto, um sujeito delegado, qualificado como tal por uma instância superior, que lhe dá voz que lhe atribui o /poder conduzir/ o discurso. Essa instância remete à estrutura da enunciação, a partir da qual se projeta no enunciado aquele que vai falar. Há, pois, dois papéis claros: o do narrador, que está enunciado e o do enunciador, que enuncia.

Dentro do próprio discurso, é possível que o narrador delegue voz a outros actantes, subordinados a ele, num processo similar ao que lhe permitiu ser dotado de voz. Instalam-se, no texto, os interlocutores, entendidos como os actantes que, no papel de destinadores de um discurso, reproduzem sob forma de um simulacro, no interior do discurso “principal”, a estrutura da comunicação.

Outro problema em relação aos níveis enunciativos é o sujeito da enunciação, que configura-se como enunciador e enunciatário, ambos constroem o enunciado. Calbucci (2007).

Se o enunciador estabelece uma relação subjetal com o enunciatário assumindo o papel de destinador pressuposto do discurso, e preciso imaginar qual seu estatuto, ou seja, é necessário delimitar como ele se constitui como tal. O mesmo pode ser feito para o enunciatário, que está na posição de destinatário pressuposto do discurso. (CALBUCCI, 2007, p.34)

Barros (1988) aponta uma solução para essa questão, pois explica que há dois percursos a serem considerados quanto aos níveis: o da comunicação e o da produção. Aquele diz respeito ao fazer persuasivo do enunciador e ao o interpretativo do enunciatário. Este a enunciador e enunciatário sincretizados no sujeito da enunciação serem sujeitos produtores do discurso-objeto.

Podemos aproximar os níveis enunciativos com a terminologia de Genette (1969). Esse autor fala em níveis narrativos: extradiegético, diegético e metadiegético. Extradiegético refere-se a um aspecto particular do domínio da voz, ou seja, o que situa o narrador. É a instância da delegação de voz, de instauração da dieese, de instalação do narrador no enunciado.

A partir desse nível, institui-se o narrador no teto, tem-se, aí, o nível diegético ou intradiegético, que corresponderia ao segundo nível enunciativo. Se dentro da dieese houver outra narrativa, há, aí, o nível metadiegético ou hipodiegético, o que remete ao terceiro nível narrativo.

Para Cabucci (2007), essas observações genettianas apenas contribuem para confirmar que há três papéis discursivos, três níveis a serem analisados em um enunciado.

3.3 Mecanismos enunciativos

A semiótica examina as relações ente enunciação e enunciado sob formas de diferentes projeções: debreagem e embreagem. Debreagem é o mecanismo pelo qual a enunciação projeta, para fora de si, os actantes e as coordenadas espacio-temporais do discurso, que não se confundem com o sujeito, o espaço e o tempo da enunciação. (BARROS, 2007). Portanto, há uma debreagem actancial, espacial e temporal.

A debreagem actancial diz respeito aos mecanismos que envolvem a actorialização. A debreagem espacial relaciona-se a instauração dos espaços no discurso e a debreagem temporal, refere-se aos mecanismos de construção do tempo no texto.

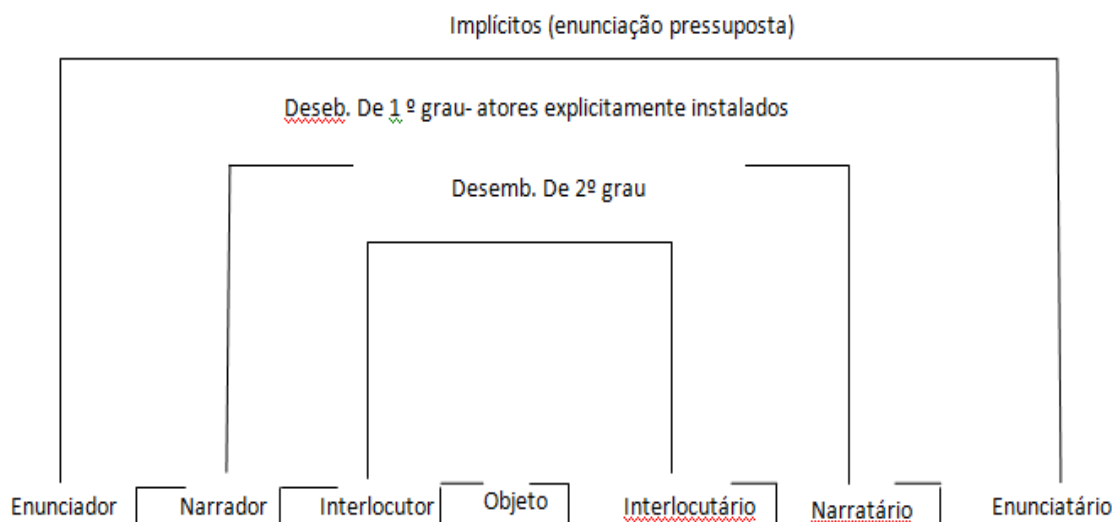
Debreagem e embreagem são os procedimentos necessários para construção do enunciado. Entretanto, faz-se necessário afirmar, que esses procedimentos carregam sentidos diferentes para o discurso. Esses tipos de debreagem podem ainda acontecer enunciativamente ou enuncivamente.

A debreagem cria uma ilusão de verdade, carregando, por si, a ideia de proximidade ou distanciamento da enunciação e o de realidade referente. A debreagem enunciativa cria o efeito de distanciamento e objetividade nos textos, construindo um discurso a partir de um ele, lá, então. A debreagem enunciativa, por sua vez, cria um sentido de subjetividade e proximidade. Nessa instalam-se os actantes da enunciação: eu, tu, aqui, agora. Naquela instauram-se no enunciado os actantes: ele, algures, então.

É preciso considerar também a debreagem interna. Um actante já debreado, seja ele da enunciação ou do enunciado, torna-se instância enunciativa que opera uma segunda debreagem enunciativa ou enunciativa.

As debreagens ainda podem ser de 1º grau e 2º grau. Na debreagem de primeiro grau, temos o nível dos atores explicitamente instalados no enunciado, o nível do narrador. Na debreagem de segundo grau, temos um nível em que o narrador dá a voz ao interlocutor. Barros (1988, p. 75) explicita isso em um quadro.

Figura 02- Esquema das relações entre os níveis enunciativos e as debreagens de 1º e 2º graus.



Fonte: BARROS, D.L.P. de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Contexto, 2007, p. 53.

Embreagem, por sua vez, é a expulsão, da instância de enunciação, de termos categóricos que servem de suporte ao enunciado. É o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou espaço, e/ou tempo. (GREIMAS E CURTES, 2008) A embreagem é o efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa, espaço e tempo. Dessa forma, podemos falar em embreagem actancial, espacial e temporal.

A embreagem actancial diz respeito à neutralização na categoria de pessoa. A embreagem espacial concerne à neutralização na categoria de espaço; e a embreagem temporal diz respeito às neutralizações na categoria de tempo.

Toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior. Negar o enunciado estabelecido é voltar à instância que o precede e é pressuposta por ele. Por conseguinte, obtém-se na embreagem um efeito de identificação entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, tempo do enunciado e tempo da enunciação, espaço do enunciado e espaço da enunciação.

3.4 As astúcias da enunciação

Fiorin (1996), na obra *As astúcias da enunciação*, diz ser a enunciação a instância de instauração de pessoas, espaços e tempos e, a partir dessa ideia, ele delinea quais as debreagens e embreagens que podem gerar diferentes formas de actorialização.

O autor inicia seu percurso falando do tempo dominado. Segundo ele, o homem sempre ficou deslumbrado com questões relacionadas ao tempo. O tempo dominado é o

tempo filosófico, mitológico, o tempo que é dividido em dias, meses, anos e seus aspectos físicos. Para fortalecer seu argumento, ele cita a Bíblia e filósofos como Santo Agostinho, Aristóteles, Paul Ricœur.

Entretanto, o que é foco da nossa pesquisa é o tempo como construção enunciativa. Fiorin (1996) faz um percurso passando pelo tempo demarcado, o tempo sistematizado, o tempo transformado, o tempo harmonizado, o tempo subvertido e o tempo desdobrado. Vejamos cada um, detalhadamente, pois são conceitos e explicações muito importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

O tempo demarcado é aquele que é baseado no tempo linguístico. Relembramos Benveniste e sua ideia de que há dois tempos: um crônico e um linguístico. É bem diferente situar um acontecimento no tempo crônico e no tempo linguístico porque há um tempo específico da língua.

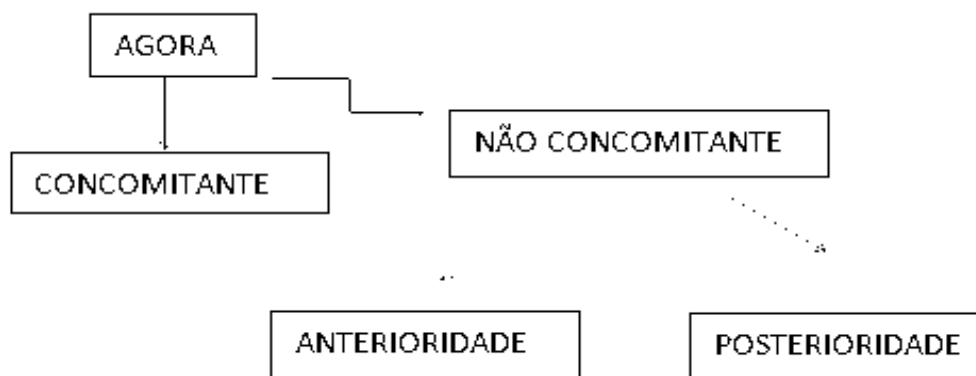
O discurso instaura um agora, momento da enunciação. Em contraposição ao, agora, cria-se um então. Esse agora é, pois, o fundamento das oposições temporais da língua.

O tempo presente indica a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da narração. O agora é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, é a cada ato de fala um tempo novo, ainda não vivido. (BENVENISTE, 2005).

Como o agora é gerado pelo ato de linguagem, desloca-se ao longo do fio do discurso, permanecendo sempre agora. Torna-se, portanto, um eixo que ordena a categoria topológica da concomitância vs não concomitância. Esta se articula, por sua vez, em anterioridade vs posterioridade.

Dessa forma, é construída a debreagem temporal, projetando-se o momento da enunciação dessa forma:

Figura 03 – Esquema da debreagem temporal



Fonte: FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**, 2008, p. 59.

Dessa forma, todos os tempos estão intrinsecamente relacionados à enunciação. O momento que indica a concomitância entre a narração e o narrado permanece ao longo do discurso e, por isso, é um olhar do narrador sobre o transcurso.

Segundo Fiorin (1996, p. 143) a partir dessa coincidência criam-se duas não-coincidências: a anterioridade do acontecimento em relação ao discurso, quando ele já não é mais e, por conseguinte, deve ser evocado pela memória, e sua posterioridade, ou seja, quando ainda não é e, portanto, surge como expectativa. Dessa forma, anterioridade e posterioridade são pontos de vista para trás e para frente em relação ao momento do fazer enunciativo. O eixo ordenador do tempo é, pois, sempre o momento da enunciação.

A temporalidade do enunciador é aceita como sua pelo enunciatário. O agora do enunciador é agora do enunciatário. É a condição da inteligibilidade da fala.

Benveniste (2005) destaca que o tempo linguístico comporta suas próprias divisões, em sua própria ordem, independentemente do tempo crônico. Entretanto, Fiorin (1996) destaca haver dois problemas em relação a isso: a recepção não é simultânea à produção, uma carta, por exemplo, o leitor sabe que o hoje ali presente está referindo-se a uma data no passado, no dia que a carta foi escrita. Nesse caso, o meio de tornar inteligível os marcadores do tempo linguístico é a ancoragem numa divisão do tempo crônico. A mesma coisa acontece com a pessoa e o espaço; ou seja, as categorias da enunciação só podem ser identificadas pelos parceiros da troca linguística.

A especificidade do tempo linguístico, como já disse Benveniste, organiza-se em relação ao momento da enunciação e de que, portanto, é gerado no discurso. A temporalidade linguística concerne às relações de sucessividade entre estados e transformações representados no texto. Ordena sua progressão, mostra quais são anteriores e quais são posteriores. Há um sistema linguístico ordenado em relação a marcos temporais instalados no texto, bem como um sistema temporal organizado em função do presente implícito da enunciação. Dependendo do marco temporal, a que estiver referindo-se uma relação de anterioridade pode ser expressa em português pelo pretérito perfeito, pelo pretérito mais que perfeito ou pelo futuro anterior.

Fiorin (1996) afirma que existem, na língua, dois sistemas temporais: um relacionado ao momento da enunciação- sistema enunciativo- e outro ordenado em função, em momentos de referência instalados no enunciado- sistema enuncivo. (FIORIN, 1996, p. 145)

O momento de referência está relacionado ao momento da enunciação, já que este é o eixo fundamental de ordenação temporal na língua.

Por isso, ao momento da enunciação aplicamos a categoria topológica concomitância vs não concomitância (anterioridade vs posterioridade). E obtemos três momentos de referência: concomitante, anterior e posterior ao momento da enunciação. (FIORIN 1996, p. 145)

Quando o momento de referência é concomitante ao momento da enunciação, utilizamos o sistema enunciativo, já que tudo estará referido ao mesmo momento da enunciação. Quando o momento de referência for anterior ou posterior ao momento da enunciação, deverá ser sempre explicitado. Há dois momentos de referência explicitados: um pretérito e um futuro, que ordenam dois subsistemas temporais enuncivos.

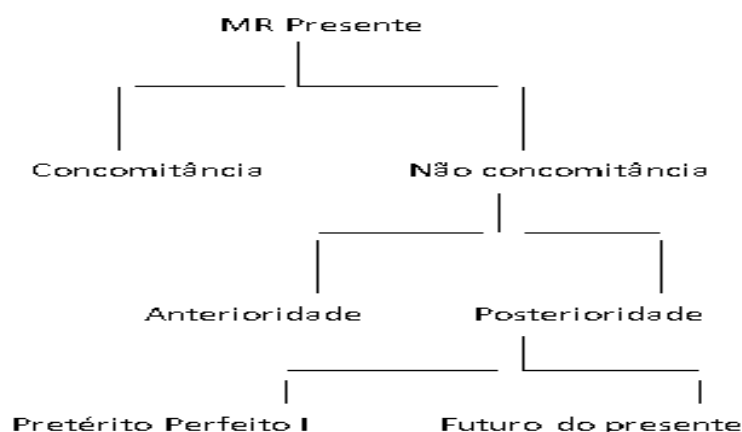
O momento dos acontecimentos (estados e transformações) é ordenado em relação aos diferentes momentos de referência. Faz-se essa ordenação aplicando-se a categoria tipológica concomitância vs não-concomitância (anterioridade vs posterioridade) aos diferentes momentos de referência. São três os momentos estruturalmente relevantes na constituição do sistema temporal: momento da enunciação (ME), momento da referência (MR) e o momento do acontecimento (MA).

Segundo o Fiorin (1996), temos a debreagem temporal enunciativa quando se projetam no enunciado os tempos do sistema enunciativo. A debreagem será enunciva quando se estabelecem no enunciado os tempos do sistema enuncivo. A debreagem ainda poderá ser de 1º ou de 2º graus. De 1º grau, quando os tempos estiverem relacionados à voz do narrador; e o segundo, quando resultarem de uma delegação de voz operada pelo narrador e, assim, estiverem vinculados ao eu interlocutor.

3.5.1 O tempo sistematizado

Fiorin (1996, p. 148) afirma que os tempos verbais organizam-se em termos do sistema temporal repartindo-se em tempos enunciativos e enuncivos. Os tempos enunciativos ordenam-se a partir de um ponto de referência presente, a ele atribuído as categorias de concomitância vs não-concomitância e a essa anterioridade vs posterioridade. No primeiro caso temos o pretérito perfeito 1 e no segundo o pretérito perfeito 2.

Figura 04: Sistema Temporal



Fonte: FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*, 1996, p. 148.

A partir desse esquema, o referido autor destaca alguns pontos fundamentais sobre o tempo sistematizado: a) o presente marca uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento da referência presente. Dessa forma, deve haver no presente uma tripla coincidência: $MA=MR=ME$.

O autor elenca três casos de relações entre momento de referência e momento da enunciação. a) presente pontual, quando existe coincidência entre MR e ME; b) presente durativo, quando o momento de referência é mais longo do que o momento da enunciação; c) presente onmitemporal ou gnômico, quando o momento da referência é ilimitado e, portanto, também é o momento do acontecimento.

Fiorin (1996) destaca ainda outros desdobramentos temporais dentro do sistema enuncivo. O pretérito perfeito I acumula em português duas funções: anterioridade em relação a um momento de referência presente e concomitância em relação a um momento de referência pretérito. Temos, por conseguinte, do ponto de vista funcional dois pretéritos perfeitos: o primeiro, que é o tempo do sistema enunciativo e o segundo do sistema enuncivo.

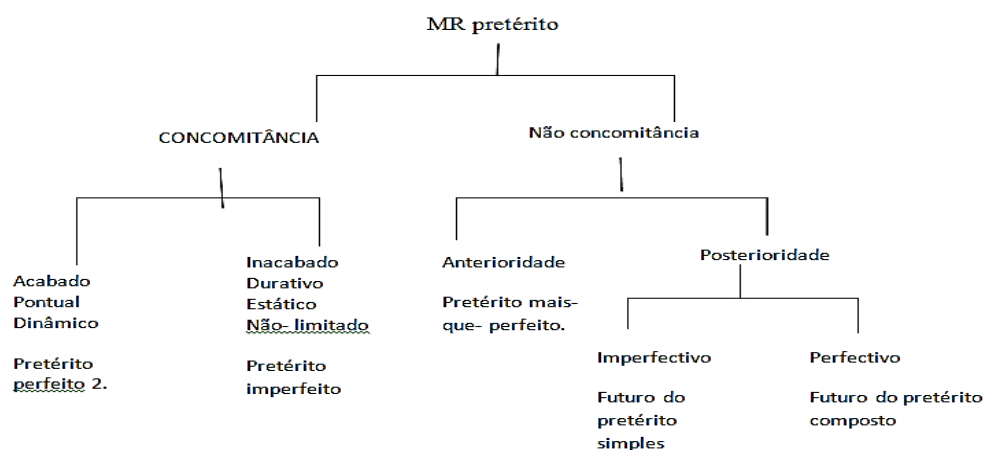
O futuro do presente indica uma posterioridade do momento do acontecimento em relação a um momento de referência presente. O futuro do presente pode acontecer em relação ao momento da enunciação.

O presente do futuro também pode acontecer em relação ao momento da referência. Em uma carta escrita dia 20 de janeiro de 2001, por exemplo, podemos encontrar algum enunciado assim: “Iremos visitá-lo próximo mês”. Neste caso, o momento da referência é 20

de janeiro de 2001 e o futuro acontece como uma posterioridade ao momento do acontecimento.

Para Fiorin (1996), os tempos enuncivos ordenam-se em dois subsistemas: um centrado num momento de referência pretérito e outro, num momento de referência futuro.

Figura 05: Momento de referência pretérito



Fonte: FIORIN, J. L. As astúcias da enunciação, 1996, p. 154.

Dos tempos concomitantes do momento do acontecimento em relação a um momento da referência pretérito, temos o pretérito perfeito 2 e o pelo pretérito imperfeito. A diferença entre eles reside no fato de que cada um tem um valor aspectual distinto: o primeiro assinala um aspecto limitado, acabado, pontual, dinâmico, enquanto que o segundo marca um aspecto não-limitado, inacabado, durativo, estático.

O pretérito-mais-que-perfeito indica uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência pretérito. O mais-que-perfeito mostra essa relação, e seu aspecto é sempre perfectivo. Há duas formas desse tempo verbal: simples e composta.

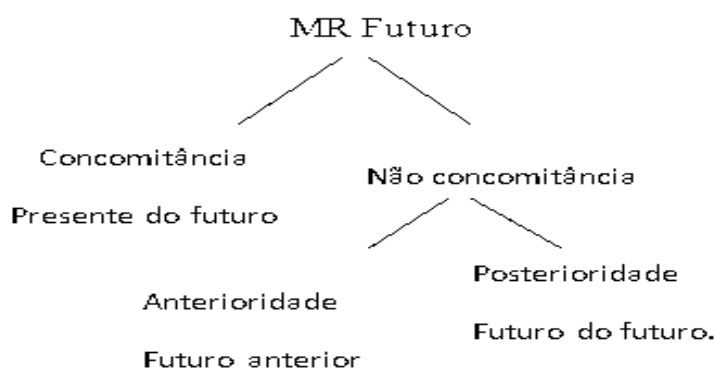
O futuro do pretérito exprime uma relação de posterioridade do momento do acontecimento em relação a um momento de referência pretérito. Tem, na maior parte das vezes, o caráter de uma antecipação imaginária. Se o futuro do presente não exprime uma modalidade factual, mas surge como expectativa, o futuro do pretérito tem um valor hipotético.

A sua forma composta marca, como na simples, um fato posterior em relação a um momento de referência pretérito. No entanto, ela indica um fato anterior a um outro

acontecimento no futuro (manifestado em Português pelo pretérito imperfeito do subjuntivo) ou a um outro momento, que não o de referência, expresso por uma indicação de tempo.

O subsistema organizado em torno de um momento de referência futuro apresenta a seguinte estrutura:

Figura 06: Momento de referência futuro



Fonte: FIORIN, J. L. As astúcias da enunciação, 1996, p. 160.

O presente do futuro é expresso por um futuro do presente simples ou um futuro do presente progressivo (estudar + gerúndio) correlacionado a um futuro do presente do subjuntivo introduzido por uma conjunção.

O futuro do presente composto diz respeito à anterioridade em relação a um momento de referência futuro e é indicada pelo futuro anterior. O momento da referência pode ser manifestado por uma expressão de natureza adverbial ou por uma oração subordinada com um verbo no futuro do presente.

Posterioridade dá-se em relação a um momento de referência futuro e é indicada pelo futuro do presente simples, que será, nesse caso, um futuro do futuro.

Fiorin (1996, p. 162) destaca que os advérbios de tempo articulam-se também em um sistema enunciativo e um enuncivo. O primeiro, sendo o que se centra num momento de referência presente idêntico à enunciação, e o segundo organizando-se em torno de um momento de referência (pretérito ou futuro) inscrito no enunciado. A cada um dos momentos de referência (enunciativo e enuncivo) aplica-se a categoria topológica concomitância vs não concomitância. Para manifestar concomitância, usam-se advérbios como: “agora”, no presente, “atualmente”, “este”. Para revelar a anterioridade, utilizamos advérbios tais quais: “ontem”, “anteontem”, há *xx* dias. Para exprimir posterioridade, são usados advérbios os quais: “amanhã”, “depois de amanhã”, “próximo”, entre outros.

As preposições que têm sentido de tempo, por sua vez, organizam-se em torno da categoria topológica concomitância *vs* não-concomitância (anterioridade *vs* posterioridade), não apresentando, no entanto, como advérbios, um sistema enunciativo e um enuncivo. A concomitância é enunciada pelas proposições “durante”, “no curso de”, “quando de”, “no meio de”, “no momento de”, “na época de”, “ao longo de”, “no período de”, “na época de”. A anterioridade, por sua vez, é expressa pelas proposições “antes de”, “anteriormente a”. A posterioridade é manifestada pelas preposições “após”, “depois de”, “em seguida a”.

As preposições possuem uma outra categoria organizadora de classificação: o aspecto. Quanto a isso, as preposições são organizadas da seguinte forma: pontual *vs* durativo (incoativo *vs* terminativo). O aspecto incoativo-durativo é indicado por “desde”, “a partir de”, “a começar de”. Essas preposições mostram o momento em que começou o processo (incoativo) e indicam que ela dura no tempo (durativo). O aspecto terminativo-durativo é indicado pela preposição até. Mostra ela o ponto final de um processo (terminativo) que dura no tempo (durativo). Combina-se com outras preposições ou advérbios para marcar o ponto final.

Quanto às conjunções temporais, não se distinguem em um sistema enunciativo e num enuncivo, mas repartem-se num sistema temporal e num aspectual. O sistema temporal organiza-se em torno da categoria topológica concomitância *vs* não-concomitância (anterioridade *vs* posterioridade).

3.4.2 *O tempo transformado*

O tempo transformado diz respeito às transformações que há do discurso direto para o discurso indireto. O discurso direto caracteriza-se por conter uma debreagem de segundo grau. Há uma debreagem de primeiro grau que instala um narrador no enunciado, e este por seu turno, realiza uma nova debreagem delegando voz a alguma personagem, que, assim, é instaurada como interlocutor. No discurso direto, há dois atos de enunciação enunciados, no que se refere à temporalização. Nele, ocorrem dois momentos distintos de referência, sejam eles enunciativos ou enuncivos.

Do ponto de vista da organização temporal, existem dois momentos, mesmo quando o narrador se instaura como interlocutor, dando voz a si mesmo. Há dois momentos de referência, os tempos de cada enunciação, que organizam-se segundo o momento de referência a que remetem.

No discurso direto, temos apenas uma debreagem a que instala o narrador. Portanto, toda a ordenação temporal deve estar relacionada às projeções efetuadas por ele.

3.4.3 *O tempo harmonizado*

O tempo harmonizado diz respeito à noção de concordância dos tempos que, na visão de Fiorin (1996), não passa de uma compatibilidade temporal entre os tempos da oração principal e o da oração subordinada. O autor ainda explora cada possibilidade de compatibilidade entre esses tempos, mas não vamos entrar nessa possibilidade aqui.

3.4.4 *O tempo subvertido*

O tempo subvertido diz respeito às neutralizações entre as oposições temporais da língua. Para compreender melhor os efeitos de sentido advindos desse tempo, será preciso mencionar novamente o conceito de embreagem.

Como já foi mencionado acima, o conceito de embreagem diz respeito aos efeitos de retorno à instância da enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria de tempo. (GREIMAS E COURTÉS, 2008). O conceito de embreagem se opõe ao de debreagem, que é projeção, para fora da instância da enunciação, dos tempos que servem para constituir dois efeitos: a) o enunciado que seja um simulacro da enunciação; b) um enunciado que não represente uma enunciação.

Quando pensamos a questão temporal a partir dos efeitos de sentidos de debreagem e embreagem, vemos, como já mencionamos, tempos que criam uma enunciação enunciada em que os tempos do enunciado simulam os tempos da enunciação e tempos e tempos que criam um efeito de enunciado enunciado, explica Fiorin (1996):

De fato, a debreagem cria uma enunciação enunciada, em que os tempos do enunciado simulam os tempos da enunciação, ou um enunciado enunciado, em que se tem a ilusão de estar diante da temporalidade dos acontecimentos. Tem-se a impressão de estar sempre em presença de uma temporalidade não-linguística: o tempo do ato de dizer, no primeiro caso, tempo dos eventos, no segundo. (FIORIN, 1996, p.191)

Quanto aos efeitos da neutralização da categoria temporal, Fiorin (1996) destaca:

Quando se neutralizam termos da categoria do tempo, o efeito de sentido que se produz é o de que o tempo é pura construção do enunciatador que presentifica o passado, torna o futuro presente, etc. Assim, com esse procedimento, passa-se da

ilusão enunciativa da naturalidade dos tempos do dizer e do dito, da quimera de que o tempo linguístico é o tempo do mundo para a certeza de que o tempo é o efeito de sentido produzido na e pela enunciação. (FIORIN, 1996, p.191)

Segundo Fiorin (1996), quanto aos tempos verbais, podem-se neutralizar: a) um tempo enunciativo e um enuncivo correspondente; b) um termo da categoria tipológica e outro, dentro do mesmo sistema ou subsistema temporal; c) um termo da categoria topológica com outro de um sistema ou subsistema temporal distinto.

O resultado da neutralização manifesta-se sempre por meio de um dos dois tempos, cuja oposição foi suspensa. Nesse caso, um tempo será usado no valor de outro.

Uma embreagem é considerada enunciativa quando o resultado da neutralização for um tempo enunciativo, o que ocorre, seja quando se suspendem as oposições de tempos do sistema enunciativo, seja quando se neutralizam temas dos sistemas enunciativos e enuncivos em proveito dos primeiros

A embreagem enunciva acontece quando a neutralização for manifestada por um tempo enuncivo, o que acontece quando se neutralizam tempos do sistema enuncivo e do enunciativo em benefício dos primeiros ou quando se suspendem oposições entre tempos de cada um dos subsistemas enunciativos.

3.4.5 O tempo desdobrado

O texto opera com temporalizações globais diversas, que, no entanto, estão inextricavelmente ligadas. Podemos falar, dessa forma, em um tempo da enunciação e um tempo do enunciado. Há uma microtemporalidade, que ordena cada acontecimento, e uma macrotemporalidade, que organiza as sequências maiores.

Para Genette o termo “*recit*” (narrativa) é polissêmico, podendo ser: a) o discurso que conta acontecimentos, ou seja, o enunciado narrativo; b) a sucessão de acontecimentos, que constituem o objeto do discurso narrativo; isto é, o conteúdo da narrativa, aquilo que aconteceu; c) ato de narrar, a narração.

Para cada conceito de narrativa desses, teremos uma denominação diferente. *História* é o conteúdo narrativo, o conjunto dos acontecimentos contados; *récit* (narrativa) é o enunciado, o discurso narrativo, que conta os acontecimentos; narração é a enunciação narrativa. Cada uma em desses aspectos possui sua temporalidade distinta, todas elas internas

ao texto e determinadas a partir do enunciado. Há, pois, segundo o autor, um tempo da história, um tempo do enunciado e um tempo da enunciação.

Para Fiorin (1996), a proposta de Genette (1972) apresenta problemas. Um problema apontado reside no estatuto do tempo do enunciado, cuja duração é medida em número de páginas ou de linhas, o que torna, de fato, impossível qualquer mensuração.

Outro problema é que no que condiz ao tempo linguístico, a instância da enunciação que comanda toda e qualquer temporalização, que rege o tempo do enunciado. Genette entende que isso que ele chama de tempo da narrativa deve ser tratado de forma diferente, como outro tipo de temporalidade, que não a da narrativa.

Dificuldade também para Genette é relacionar as três temporalidades, mas, havendo três tempos, faz-se necessário relacioná-los dois a dois. Dessa forma, o autor relaciona a temporalidade da história e da narrativa e coloca a da narração, que as rege, como afastada das demais.

Fiorin (1996) explica seu ponto de vista sobre a proposta de Genette, afirmando haver duas temporalizações linguísticas possíveis: a da enunciação e a do enunciado. A primeira é sempre pressuposta, mas pode ser enunciada pela projeção da categoria topológica *concomitância vs não-concomitância (anterioridade vs posterioridade)* num momento de referência coincidente com o momento da enunciação. A segunda é obtida pela aplicação da mesma categoria a marcos temporais anteriores ou posteriores ao momento da enunciação. A instância da enunciação rege ambas as temporalidades porque os momentos de referência são ordenados em relação ao momento da enunciação.

Quanto à narrativa, Fiorin (1996) destaca que é melhor pensar que a narração, que Genette colocou a parte da história e da narrativa, poderia ser vista tal qual Greimas propôs no percurso gerativo de sentido, separando o nível narrativo do nível enunciativo. O nível narrativo contém um simulacro da ação do homem no mundo. Ele é de um nível de abstração maior do que o nível discursivo.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Segundo Marconi e Lakatos (2010), não há ciência sem o emprego de métodos científicos. Dessa forma, a ciência, para ser, precisa de um método. Trujillo (1974) diz ser o método a forma de proceder ao longo de um caminho. Na ciência, os métodos constituem os instrumentos básicos que ordenam, de início, o pensamento em sistemas; traçam, de modo ordenado, a forma de proceder do cientista, ao longo de um percurso para alcançar um objetivo. O nosso percurso se vale do método proposto pela Semiótica Discursiva para estudar a significação, ou seja, o percurso gerativo de sentido.

4.1. Natureza da pesquisa

O presente trabalho, de cunho qualitativo, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, que, no tocante à definição desta por Gil (1999), é aquela desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos. O que fez a nossa pesquisa ser bibliográfica é que analisamos a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, através de dissertações, teses, livros, artigos, publicações, que já foram publicados sobre a obra em questão e sobre a temática da construção do tempo na obra.

4.2 Métodos de procedimentos

Greimas e Courtés (2008) entendem por método uma sequência programada de operações que visa à obtenção de um resultado conforme as exigências da teoria. Nesse sentido, o termo método é quase sinônimo de procedimento. No tocante à Semiótica Discursiva, o método é algo que está se construindo de acordo com o objeto analisado. Não há um método pré-concebido, mas um método que se constrói a partir de observações.

Trabalhamos aqui com o método hipotético-dedutivo. Segundo Saraiva (2003), ele consiste em um procedimento que caracteriza a teoria como um construto objetivo do conhecimento essencialmente conjectural. Para Marconi e Lakatos (2009), o método hipotético-dedutivo se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência dos fenômenos abrangidos pela hipótese. Em outras palavras, é aquele em partimos das relações dentro da própria teoria para chegarmos a conclusões.

4.3. Delimitação do universo

Segundo Calbucci (2010), a popularidade de Machado de Assis deve-se a sua manipulação das mais variadas estratégias de enunciação, pois, para o referido autor, “Machado é um mestre do discurso e, por isso, um desafio para o analista, já que não é tarefa fácil de explicados mecanismos enunciativos convocados para produzir os efeitos estéticos que os leitores conhecem tão bem.” (p. 15)

De todas as obras, aquela que parece congrega o maior número de riquezas enunciativas é *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Trata-se de um romance revolucionário, que teria funcionado como um divisor de águas na carreira machadiana.

Devido a essa riqueza enunciativa, este trabalho se pauta em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, mais especificamente, sobre a questão da construção do tempo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

4.4. Análise de dados

Nosso *corpus* é constituído da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. É uma releitura dessa obra, a fim de destacar trechos em que fiquem evidentes as digressões temporais que encontrarmos.

Identificaremos debreagens e embreagens temporais, de acordo com as categorias estudadas por Fiorin (1996). Isso porque, além de identificarmos debreagens e embreagens, ser-nos-á necessário estudar os sentidos que o texto nos trará e, além disso, explicar a construção desse determinado sentido, a partir dos pressupostos teóricos da Semiótica Discursiva.

Para a nossa análise, consideramos haver, na narrativa, três níveis enunciativos que pressupõem a existência de três enunciações. Existe uma enunciação de 1º grau, aquela que a voz é do enunciador do texto, no caso “Machado de Assis”, que escreveremos entre aspas por se tratar de um “Machado” construído discursivamente pelo conjunto da obra e não o Machado de Assis de carne e osso. A instância do narrador, que é a enunciação de 2º grau, é o enunciador que dá a voz ao narrador e à instância do interlocutor, que seria a enunciação de 3º grau.

Apesar de parecer que essas instâncias se misturam na obra, faz-se necessário realizar uma separação metodológica, pois considerando o prólogo da quarta edição em que,

assinado pelo “Machado de Assis”, o narrador que finge ser um enunciador não passa de um pseudo- enunciador, manipulado pelo enunciador.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, essas três enunciações criam três instâncias. Se pensarmos em Brás Cubas como narrador e ator do enunciado, podemos postular que a enunciação de 1º grau é a de “Machado”, a de 2º grau é a de Brás Morto e a 3º grau é a enunciação de Brás vivo.

Quanto às debreagens e embreagens temporais, estamos partindo da hipótese de que cada instância enunciativa traz a sua organização do tempo. O narrador emprega o sistema enunciativo como ator da enunciação e o sistema enuncivo do pretérito como ator do enunciador. Calbucci (ano) já apontou que geralmente acontece que em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* há um jogo entre narrativa e comentários à narrativa que implica em determinadas debreagens temporais. A narrativa correspondendo ao segundo nível enunciativo, englobando o enunciado enunciado , com seus programas , percursos e sequências narrativas e os comentários à narrativa correspondentes ao primeiro nível enunciativo , incidindo sobre a enunciação enunciada. O que o autor destaca é que o enunciado cria seus próprios pontos de referência, internos ao mundo construídos pelo texto e nas *Memórias* nota-se que os tempos do sistema enuncivo –sobretudo- do sistema pretérito – estão associados à narrativa, enquanto os tempos do sistema enunciativo aos comentários à narrativa.

Portanto, o nosso procedimento é, a partir de trechos desta obra , em que vemos tais debreagens e embreagens temporais. Vamos analisar a construção de sentido delas, bem como o sentido que cada um traz a esses trechos.

Primeiramente, houve uma leitura atenta do livro para destaque desses momentos, em que as digressões temporais nos saltavam. Logo em seguida, debruçamo-nos sobre elas, na intenção de analisá-las, destacando quais as marcas das debreagens e embreagens temporais e quais os sentidos que esses mecanismos trouxeram ao texto.

5 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: ENUNCIÇÃO DO TEMPO OU TEMPO DA ENUNCIÇÃO

5.1 O sincretismo do enunciador-narrador e a temporalização em Memórias Póstumas de Brás Cubas

Memórias Póstumas de Brás Cubas é um romance inovador e revolucionário para crítica literária, pois sabemos que é uma obra que marcou um estilo. Calbucci (2007), por sua vez, afirma que a referida obra é a mais revolucionária e inovadora de Machado de Assis, conforme podemos observar no fragmento abaixo.

Trata-se de um romance revolucionário, que funcionou como um verdadeiro divisor de águas na carreira machadiana. Pela ironia, pelo narrador morto, pelos jogos verbais e gráficos, pelas digressões, pelas conversas ora ácidas ora amigáveis com o leitor, talvez constituam a experiência estética radical da obra machadiana. Em nenhum outro texto- romance, conto, crônica, teatro ou poesia -, Machado procurou ser tão inovador. (CALBUCCI, 2007, p.12)

Segundo Guimarães (2012), essa revolução, em termos de romance, dá-se, principalmente, pelas artimanhas de um narrador que provoca, insulta, faz injúrias, desafia, escarnece, inferioriza, humilha e faz chacota com o seu narratário, por meio de uma conversa direta. Esse narrador guia o narratário, manipulando o tempo e o espaço da narrativa. Como vemos nos trechos abaixo:

Trecho – p. 22

“Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a tocer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte da narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos.”

A obra Memórias Póstumas de Brás Cubas já foi muito discutida. Dentre essas discussões, Cruz (2009) já apontou um problema de sincretismo de autor- narrador, fato esse que faz com que o livro seja tão rico do ponto de vista enunciativo. Para o autor,

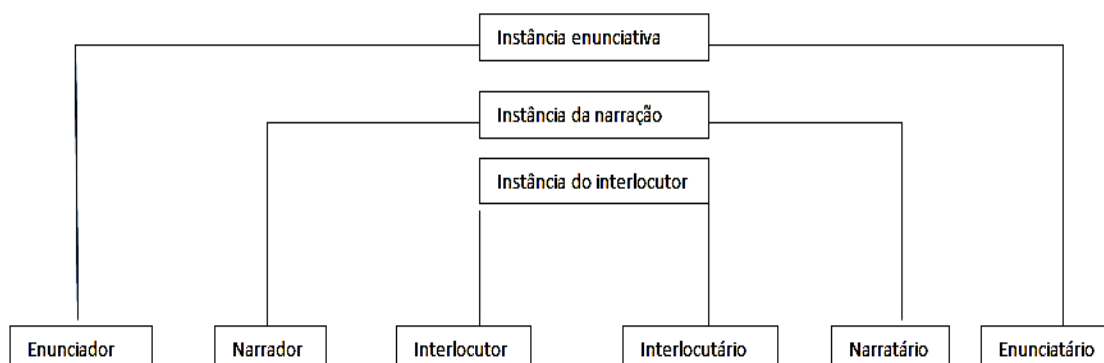
Memórias Póstumas inaugura um novo procedimento na obra de Machado: a sincretização do narrador com os actantes do enunciado. [...] Brás é ao mesmo tempo, actante da enunciação enunciada e do enunciado; conduz à narrativa e dela participa. Além disso, o texto é de tal forma pontuado por seus comentários que,

conforme observado diversas vezes, a narração sobrepuja a narrativa. (CRUZ, 2009, p.189)

Calbucci (2010) assume posição contrária a tal ideia, segundo o autor, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, narrador e enunciador não estão sincretizados. O autor considera que enunciador e narrador estão bem demarcados. Para isso, ele aponta um problema de níveis na obra em questão, afirmando que:

Na verdade, nas *Memórias Póstumas*, há uma notável diferença entre a enunciação de 1º grau e a de 2º grau. Como o enunciador e narrador não estão sincretizados, o enunciado produz um efeito de sentido de ficcionalidade. Mas, além disso, o enunciador quer deixar claro que, embora seja Brás Cubas o narrador do romance, este está sob seu comando e por causa disso, narrador e enunciador podem possuir uma pontual conformidade semântica. Em outros termos o enunciador veicula seu estio pela voz do narrador. (CALBUCCI, 2010, p. 129)

Se *Memórias Póstumas de Brás Cubas* fosse uma obra tradicional, apresentaria a organização enunciativa tradicional. Um enunciador daria a voz a um narrador e esse daria a voz a um interlocutor. Com mostramos na figura 01, localizada na página 27.



Mas, como a obra é subversiva, do ponto de vista enunciativo, temos um enunciador que dá a voz a um narrador que, ao mesmo tempo, em que é narrador, passa-se por enunciador da obra e, quando quer, mostra-se como um interlocutor. Cruz (2009) evidencia essa peculiaridade das *Memórias Póstumas* em relação a outras obras de Machado de Assis:

O enunciador delega a palavra a um narrador primeiro, da dedicatória, supostamente Brás Cubas, depois a um narrador segundo que assina Brás Cubas que, finalmente, delega a palavra ao narrador do romance, mesmo Brás Cubas. O primeiro, o terceiro e o quatro narradores concordam entre si, mas o segundo afasta-se de todos, porém, com menos intensidade. (CRUZ, 2009, p. 315)

Cabucci explica mais esse demarcamento do enunciador-narrador porque *Memórias Póstumas de Brás Cubas* apresenta um prólogo, intitulado Prólogo da Quarta Edição, presente em algumas edições da referida obra. Esse prólogo é assinado pelo Machado de Assis¹, que nele fala das emendas que fez na obra, da correção do texto em vários lugares e responde perguntas de críticos literários, dando, inclusive voz ao narrador Brás Cubas

Trecho (ASSIS, 2008, p. 5).

Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava, “As Memórias Póstumas de Brás Cubas são um romance? Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigavelmente as *Viagens na minha terra*. Ao primeiro, respondia já ao defunto Brás Cubas (como leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: “Trata-se de uma obra difusa na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre não se lhe meti algumas rabugens de pessimismo”. Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garret na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida.”

O enunciador é Machado de Assis, não um Machado de carne-osso, mas o Machado de Assis construído pela obra, aquele que é responsável por todas as escolhas postas na obra, inclusive de um narrador que fala o que quer e se sente enunciador.

Calbucci (2010) diz que esse prólogo está aí, nada mais nada menos, para lembrar-nos que Brás, apesar de todas as digressões que faz na obra e de se dizer responsável por todas as escolhas ali colocadas, não é mais do que o narrador da obra. Existe um Machado de Assis, tido como instância do nível de 1º grau, um enunciador pressuposto em toda obra.

Vejamos o prólogo de Brás Cubas pseudo – enunciador retirado do capítulo *Ao Leitor* de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Trecho - p. 19

Mas eu ainda espero angariar simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá desse mundo. Seria curioso, mas minimamente extenso, e, aliás, desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me a tarefa; se te não agradar, pago-te um piparote, e adeus. (ASSIS, 2010, p.19)

¹ O Machado de Assis é a instância discursiva da obra toda machadiana.

Vemos que nesse prólogo o próprio Brás Cubas se passa por um suposto enunciador explicando suas escolhas de escrever o prólogo. Entretanto, é preciso notar que há um eu pressuposto, enunciador, que assina como Machado de Assis que compõe todas essas *Memórias Póstumas*.

Nesse prólogo temos o narrador, o próprio Brás Cubas, falando com o seu narratário, construindo um metadiscorso, em que é construída uma instância em que o narrador está se passando por autor e refletindo sobre sua escrita, como se ele fosse enunciador da obra, assinando, inclusive, o prólogo como tal.

No segundo prólogo citado acima, prólogo da quarta edição, Machado de Assis se coloca como eu – responsável pela obra – mas que anuncia que quem vai contar a história é o defunto: “Não digo mais para não entrar na crítica de um defunto que se pintou a si e aos outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo.” São dois prólogos para dois supostos enunciadores.

Podemos, então, exemplificar, dessa maneira, os níveis enunciativos da obra: o enunciador é Machado de Assis. Ele é o autor. E, para a Semiótica:

o autor é aquele que se mascara no narrador e se projeta em primeira ou em terceira pessoa não é o ser de carne e osso ontologicamente definido, mas um autor-implícito, caracterizado e criado a partir do texto, pela escrita. O autor-implícito, é sempre diferente do homem real e ria ao mesmo tempo que sua obra, uma versão superior de si mesmo. (BARROS, 1988, p. 79)

O enunciador dá a voz para o narrador. A questão de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é que esse narrador, a todo tempo, passa-se por “enunciador”. E a ele chamamos de pseudo-enunciador. Por vezes, esse pseudo-enunciador delega voz a si mesmo, sendo o interlocutário

Actante da enunciação enunciada, são eles sujeitos diretamente delegados do enunciador e do enunciatário, e podem encontrar-se em sincretismo com um dos actantes do enunciado (ou da narração), tal como o sujeito do fazer pragmático ou o sujeito cognitivo, por exemplo. (BARROS, 1988, P. 79)

Consideramos, então, que há vários Brás Cubas na obra- há um Brás Cubas: um que já morreu, narrador pseudo-narrador, e há um Brás Cubas que vive a narrativa, interlocutor. Para além dessas duas instâncias, temos o enunciador, verdadeiro controlador e manipulador da narrativa inteira. Vejamos o comportamento de cada instância dessas na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Trecho (p. 68)

“ Vim... Mas não; não alonguemos este capítulo. Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel com grave prejuízo meu que sou autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões; e nós não somos um públio-in-folio mas in-12, pouco texto, larga margem, tipo elegante corte dourado e vinhetas... Principalmente vinhetas... Não, não alonguemos o capítulo.”

Este é o narrador, falando como pseudo-narrador. Vemos como é constante o uso do metadiscurso, afirmando como ele fez a obra, ressaltando a escolha do narrador para compor a obra naquele instante.

Já foi visto aqui que essa subversão da narrativa traz mudanças para a narrativa. Uma dessas mudanças é em relação ao tempo. O Brás Cubas pseudo-enunciador é aquele que comenta todas as subversões temporais da obra. O Brás Cubas interlocutor usa o tempo que a situação pedir. Mas, geralmente, sem muitas mudanças subversivas ao nível do Brás morto.

Toda essa subversão do ponto de vista enunciativo traz para as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* problemas referentes à actorialização, à espacialização e à *temporalização*. Calbucci (2010, p. 129) afirma que essa organização específica e subversiva da obra traz as seguintes conseqüências para a organização temporal da obra:

Em relação à categoria temporal, o narrador costuma empregar o sistema enunciativo como ator da enunciação o sistema enuncivo do pretérito como ator do enunciado, definindo claramente dois marcos temporais. Mas ainda assim, numa autobiografia, como não há distinções semânticas entre enunciador e narrador, as marcas temporais não fornecem indícios suficientes para diferenciar os valores do primeiro e do segundo nível enunciativos.

5.2 O revestimento figurativo e o tempo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Segundo Greimas e Courtés (2008, p.2009) o termo figuras remete às figuras do conteúdo que correspondem às figuras do plano da expressão da semiótica natural. Para os autores, o que interessa ao semioticista é compreender em que consiste o subcomponente da semântica que é a figurativização dos discursos e dos textos e quais são os procedimentos mobilizados pelo enunciador para figurativizar seu enunciado.

Dessa forma, podemos destacar que *Memórias Póstuma de Brás Cubas* é uma obra riquíssima também do ponto figurativo. As figuras são dispostas de forma reafirmam a subversão do tempo. Vejamos no trecho abaixo:

Trecho, p. 1-32

“Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. A história do homem e Terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a ciência, porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, enquanto que eu ali via era condensação viva de todos os tempos . Para descrevê-la seria preciso fixar o relâmpago.”

Vemos um trecho acima carregado de figuras que se reportam a ideia de um tempo às vezes rápido outras vezes mais lento. O sentimento que o leitor tem com tal trecho é de uma adensamento do(s) tempos em um único trecho. Observamos o seguinte período: “que eu ali via era condensação viva de todos os tempos. Para descrevê-la seria preciso fixar o relâmpago.”

O emprego da primeira pessoa do singular indica que temos aí uma debragem enunciativa de primeiro grau. É o narrador que fala neste trecho. A grande questão é que ele via a condensação vida de todos os tempos. A palavra condensação, segundo o dicionário Houaiss (2011) significa agregação, concentração, é algo que se tornou mais denso. É uma figura importante para obra dado que em *Memórias Póstumas* os tempos verdadeiramente entrecruzam-se , condensam-se. E, ao mesmo tempo, que eles se condensam, eles passam rápido. É a ideia do período “seria preciso fixar o relâmpago”. Uma das características do relâmpago é que ele é momentâneo. É um piscar de olhos. Não haveria forma jamais de fixá-lo. O trecho traz em si a ideia de oposição entre o é condensado, intensificado, demorado para o que é disperso, rápido, passageiro.

Portanto, Brás Cubas em seu delírio vê a condensação e dispersão dos séculos em um único momento.

Outra figura marcante em que os mecanismos enunciativos temporais ficam evidenciados está no próprio título do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, dado que o termo *memórias* aponta para um tempo anterior à morte de Brás Cubas e *póstumas* aponta para um tempo posterior à morte. Verificamos isso no dicionário Houaiss (2011), que define *memórias* como “um relato escrito que alguém faz de acontecimentos históricos vividos por si mesmo ou sobre sua própria vida”; e *póstumo* como “o que é posterior à morte de alguém ou o que vem a público depois da morte do autor.”

Desse modo, o termo assume como pressuposto que as *Memórias* apontam para o que o narrador viveu em vida. E, como “parece” que há um contínuo entre a vida e morte na obra,

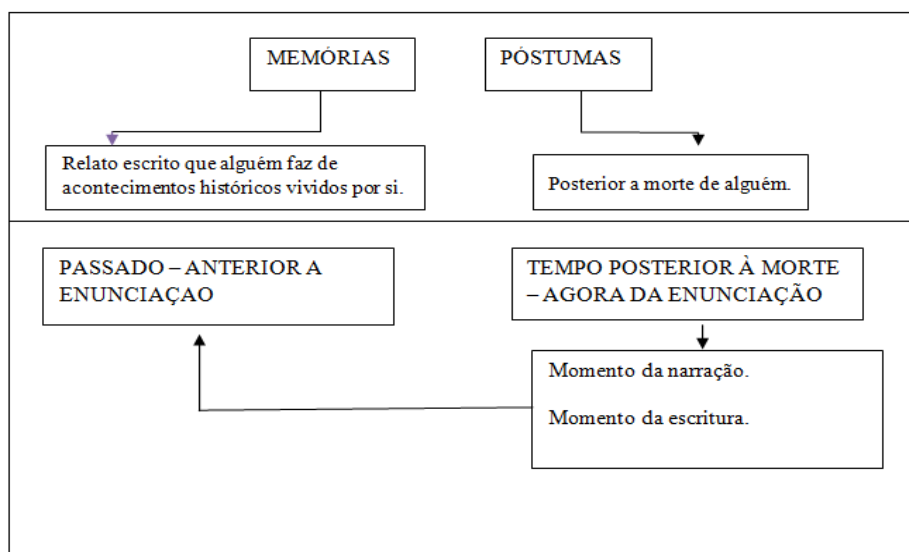
as memórias incluem até o que ele vive durante e depois da morte - como é o caso do capítulo VII- O Delírio. Nesse aspecto, o texto machadiano é inovador, pois, narrativamente, subverte essa ordem e desconsidera a referida pressuposição, uma vez que trata o que vem antes da morte (*Memórias*) e o que vem depois da morte (póstumo) como se acontecessem concomitantemente. As *Memórias* são escritas e publicadas “cá deste mundo”, ou melhor, estão sendo construídas concomitantes à narração das memórias. Assim, no romance, a escritura das memórias e publicação delas ocorre depois da morte do personagem *Brás Cubas*, que, como defunto- autor, tem lapsos de memórias de quando ainda era vivo, propondo-se a escrever sua história após sua morte.

Além disso, essas memórias são o que Brás vive antes e depois da morte. Dessa forma, “memórias” funciona como um palavra que conjuga os dois termos: memórias e póstumo, estabelecendo uma aliança entre vida e a morte. A escritura acontece depois da morte. É por isso que Brás pode ver-se como um defunto. A memória dele também ocupa parte do tempo dele morto. A obra é uma subversão porque é um sujeito que narra sua vida depois da morte e, inclusive, narra a sua própria morte. Isso muda a relação entre publicação e escritura. A publicação passa a ser uma espécie de tempo de escritura durante a morte.

Considerando que Benveniste (2006) diz ser a temporalidade produzida “na” e “pela” enunciação e afirma que procede da enunciação a instauração da categoria do presente, sendo que, do presente, nasce a categoria tempo. O presente, para o autor, é a origem do tempo. O presente é o marco zero da enunciação.

Aplicando isso ao título do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, podemos esquematizar essa informação da seguinte forma.

Figura 7: Esquema do título da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*



(Chaves, 2016,p. 53)

5.2 As digressões e a temporalização na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas

Memórias Póstumas de Brás Cubas é singular também devido aos desdobramentos temporais que ela apresenta. O narrador Brás Cubas opera com as categorias enunciativas de tempo também através das digressões narrativas. Calbucci (2010, p. 147) informa que

Digressão narrativa consiste em fazer uma narração secundária, subsidiária, que estabelece uma relação de analogia com a fábula principal. Num primeiro momento essa narrativa acessória transmite a impressão de ser um mero desvio, uma brincadeira enunciativa sem maiores conseqüências; mas, depois de estabelecida a analogia, percebe-se que essas digressões são quase sempre antecipações narrativas, por meio das quais o narrador veicula sua visão de mundo.

Essas digressões estão relacionadas com os mecanismos enunciativos de temporalização. Elas geram um intercruzamento e mudanças de quadros enunciativos criados a partir do tempo enunciativo na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Importante destacar que quem narra a história é o Brás Cubas, e ele faz isso a partir de um momento posterior a sua morte. Portanto, ele narra os fatos do passado e pode fazer digressões temporais em toda narrativa, mostrando o narrado e fazendo relação entre o narrado e a narração. Tudo porque ele enuncia de pós-morte.

Essas digressões também estão relacionadas aos processos de actorialização, espacialização e temporalização e fazem com que a narrativa se carregue de mecanismos enunciativos que dão ao texto, mais especificamente, às breagens de tempos, efeitos de

retrospecção, prospecção e perspectivização. A grande riqueza da obra está em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* termos, além desses sentidos corriqueiros, sentidos com a prospectivação da retrospectivação, a retrospectivação da retrospectivação.

5.3 Os advérbios e o sentido de temporalização de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

O defunto-autor diz: “consequentemente evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias* trabalhadas **cá** no outro mundo.” (Assis, 2008, p.15). A partir desse enunciado, destacamos que o advérbio “cá” tem a função de destacar o que dissemos sobre as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* serem narradas de um lugar e um tempo em que não há distinção entre o que foi, o que é, o que será. Segundo Pontes (1990 p. 12), o “cá” equivale ao advérbio “aqui”, evidenciando que ambos significam “perto do falante e do ouvinte”. O “cá” distingue-se do “ali”, dado que este segundo advérbio tem relação com o que está longe do ouvinte.

Destacamos aqui que a temporalização, a construção do tempo, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é um procedimento que sempre é analisado em relação à actorialização e à espacialização. Em *Memórias Póstumas*, temos, por vezes, debreagens espaciais reforçando os sentidos dados ao tempo.

Em relação à categoria temporal, o narrador costuma empregar o sistema enunciativo como ator da enunciação e o sistema enuncivo do pretérito como ator do enunciado, definindo claramente dois marcos temporais.

5.4 Mecanismos enunciativos em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

No trecho do capítulo “dedicatória ao verme”, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, vemos os mecanismos enunciativos e, também, o sentido que esses mecanismos trazem consigo: “Ao verme, que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico com saudosa lembrança estas *Memórias Póstumas*.” (ASSIS, 2008, p.13)

O texto inicia com uma debreagem enunciva (ele-lá-então), “aos vermes...”, que confere a ele um sentido de objetividade e indica que o lugar do narrador não é mais o que ele estava, quando proferiu tal enunciado. Quanto à debreagem enunciva temporal, tem-se um

momento que não é concomitante com o agora da enunciação. No enunciado, “dedico estas memórias póstumas”, já se tem uma debreagem enunciativa temporal em que o momento de referência e o momento da narração são concomitantes ao momento da enunciação. A debreagem enunciativa traz para o texto um sentido de subjetividade. O sentido desses mecanismos é como se o próprio narrador estivesse vendo os vermes comerem suas próprias carnes.

Os mecanismos enunciativos da debreagem e embreagem estão em todo o texto e são responsáveis pelas perspectivações, retrospectivações e prospectivações que temos em *Memórias Póstumas*. Faz-se necessário destacar que, na obra, os tempos se relacionam e se inter cruzam, mas, por questões metodológicas, reunimos trechos que denotam as prospectivações, as perspectivações e as retrospectivações.

Consideramos, ainda, haver trechos em que parecem, a depender da perspectiva de análise, apontar para as prospectivações as perspectivações e as retrospectivações no texto. Um exemplo é: “Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos dar um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.” (ASSIS, 2008, p. 48). Suspendamos e adiantemos são verbos do presente do subjuntivo que indicam uma possibilidade, um fato incerto no presente. Mas, o que nos chama atenção é o enunciado: “vamos dar um salto a 1822.”. Em “vamos dar um salto”, os verbos estão flexionados no presente, mas a ideia é de futuridade. O narrador vai parar a narrativa e dar um salto a 1822. Como as memórias são um texto totalmente fragmentado, esse “vamos dar um salto a 1822” faz referência a algo que ainda vai ser dito, uma prospectivação, a algo futuro em relação à narrativa. Entretanto, esse fato aconteceu antes da narrativa, em 1822, sendo assim uma retrospectivação.

5.5 Mecanismos que operam nas prospectivações.

Prospectivações são os momentos que se relacionam com o futuro. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, esses momentos geralmente fazem parte dos comentários do ator da enunciação. Isso porque geralmente, nessas passagens em que o narrador comenta a narrativa, nota-se o destacado uso das debreagens temporais enunciativas de 1º e 2º grau.

Na maioria das vezes, as prospectivações têm um sentido de adiantar ou postergar algum quadro narrativo e, além de tudo, estão relacionadas às digressões da narrativa. Poderíamos, inclusive, afirmar que as prospectivações preanunciam as digressões no sentido

que elas sempre levam a uma mudança de quadro narrativo. Vejamos alguns trechos em que temos os momentos das prospectivações, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, para vermos como isso acontece:

- Trecho 01: **“Daqui a pouco lhes direi** quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parente padeceu mais do que as parentas. É verdade padeceu mais. (Assis, 2008,p. 18)”
- Trecho 02: “Deixá-la ir; **lá iremos mais tarde**; quando eu me restituir aos primeiros anos.” (Assis, 2008, p. 18)
- Trecho 03: **Vou expor-lhe sumariamente o caso.** Julgue-o por si mesmo. (Assis, 2008, p. 19)
- Trecho 04: “Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. **Lá iremos.** Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois **lá iremos.**” (ASSIS, 2008, p. 22)
- Trecho 5: **“Unamos agora** os pés de daremos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever contar, dar cacholetas e apanhá-las.” (ASSIS, 2008, p. 47)

Vemos que as debreagens enunciativas temporais, marcadas pelos verbos em primeira pessoa, apontam para um quadro da narrativa que ainda irá se compor. Não podemos esquecer que os advérbios temporais, nesses trechos, “lá” e “agora”, e a expressão “daqui a pouco” possuem uma função. Tais expressões destacam que o quadro narrativo que o narrador chamará é um fato distante. O “lá” destaca as digressões, pois é um advérbio que se refere a algo que está longe, e quem fala, então, “lá iremos”, destaca um movimento para algo que está distante, confirmando a idéia da digressão, tal como Calbucci (2010, p. 146) fala:

Outra discussão importante entre nós é uma tradição dos estudos literários mostrar que a obra de Machado, principalmente, nos romances posteriores a 1881, recorre insistentemente à digressão. Definido esse conceito, Lausberg

escreve: “O afastamento, quando ao objeto do discurso, chama-se digressão e consiste em que o orador trate de uma outra matéria, em vez da matéria propriamente dita” (LAUSBERG, 165, p. 254)

Uma das formas de essas digressões serem apontadas no romance é por expressões de futuridade ou prospecção, “lá”, “daqui a pouco”, que destacam essa mudança de quadro enunciativo.

Portanto, a idéia de prospecção aponta para quadros enunciativos que ainda estão por vir na obra e que serão mencionados

5.3 Mecanismos que ocorrem nas retrospectivações

A retrospectivação aponta para o passado, para os fatos que aconteceram no momento anterior da enunciação. Esse movimento é muito usado na obra, dado que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma narrativa que conta o passado de um homem que faleceu; isto é, conta a história de um “defunto-autor”, um escritor que precisou, antes de qualquer coisa para, escrever, ser um defunto.

Um capítulo elucidativo da retrospectivação, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é *Chimène, qui l’eût dit? Rodrigue, qui leût cru?* no qual encontramos os trecho abaixo:

Vejo-a assomar à porta da alcova, pálida, comovida, trajada de preto, e ali ficar durante um minuto sem ânimo de entrar ou detida pela presença de um homem que estava comigo. Da cama onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto. Havia dois anos que nos não víamos e eu via-a agora não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos.” (ASSIS, 2008, p. 24)

“Pela minha parte, fechei os olhos e deixei-me ir à ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou quais cócegas de curiosidade.” (ASSIS, 2008, P. 28)

Neste capítulo, temos Brás Cubas, em seu leito de morte, vendo Virgília entrar em seu quarto. A narração é do pseudo-narrador figurativizado pelo defunto da obra. Nesse trecho, não há como não apontarmos a oposição entre presente e passado. O verbo “vejo” indica um presente, um tempo que é concomitante ao momento da enunciação, com o momento do acontecimento e o momento da referência. Portanto, esse “vejo” para ser o momento da enunciação só pode ter sido enunciado pelo pseudo-enunciador, o defunto. É ele quem vê. A partir do que ele vê, ele constrói o quadro enunciativo, a cena. O enunciatário a quem ele se

dirige, por exemplo, vê exatamente um Brás Cubas contando a história e a cena de um Brás doente, em uma cama.

Além da oposição em relação ao presente, o trecho trata da oposição entre os pretéritos, *jazia*”, *víamos*, *era*, *fora*, *fôramos*. O emprego da forma verbal “jazia”, no pretérito imperfeito, denota que o pseudo-enunciador se vê, pois expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado. Para Fiorin (1996, p. 156), indica um aspecto não-limitado, inacabado, durativo, estático. O imperfeito ainda indica um tempo que vê os estados e as transformações, indicados por esse tempo em curso, ao longo de um espaço e tempo.

Outro tempo também que está conjugado no imperfeito é “era”, mas este vamos estudar a partir da oposição “não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos.”, dado que esse trecho evidencia bastante a oposição entre os pretéritos da Língua Portuguesa.

A forma verbal “fora” ou “fôramos” está conjugada no pretérito perfeito. A diferença entre desse para aquele é que o pretérito perfeito “assinala um aspecto limitado, acabado, pontual”.

Quando ao jogo de sentido desse trecho, o narrador emprega o tempo verbal no presente do indicativo: vejo-a. Poderíamos dizer que esse momento do presente é aquele em que se simula a enunciação no enunciado. É o tempo em que o narrador realmente está presente. Nas palavras de (FIORIN, 2008), o narrador cria uma narração em que há uma concomitância entre o tempo da narração e o dos acontecimentos narrados (FIORIN, 2008). Mas, o tempo da narração em *Memórias Póstumas* é um tempo pós- morte. Por esse motivo, cria-se um quadro enunciativo em que o narrador está olhando para a cena e a revivendo, construindo-a como se fosse o agora da enunciação, mas, na realidade, este agora já passou. Não passa de uma reconstrução de um passado pelo narrador. “Jazia” e “havia” empregados no pretérito imperfeito, tempo verbal que denota uma ação que começa no passado, mas nele não termina e que indica uma anterioridade ao presente concomitante ao marco temporal no pretérito, situa toda ação em um passado que está sendo construído no ato da narração.

Uma forma que o astuto narrador emprega para dar ideia de que a narração acontece no passado e está sendo narrada em um presente, e esse presente é pós- morte, pode ser observada no trecho: “Havia já dois anos que não nos víamos, e eu vi-a agora não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos”. Percebemos os três passados sendo usados. O pretérito perfeito “víamos”; o pretérito imperfeito “era”; o pretérito mais-que-perfeito nas formas “fora,

fôramos”. Isso tudo intercalado com um agora que é o agora mesmo. Esse agora se referindo a um momento que não é mais, a um momento que já passou, momento da morte do narrador.

Esses tempos que se inter cruzam formam novos quadros enunciativos dentro da obra. Chamamos de quadros enunciativos as diferentes pessoas, espaço e tempos que se criam em um romance a partir do ponto zero da enunciação. Nesse trecho, no mínimo vemos que os tempos verbais constroem a instância do narrador que se vê em um passado e reconstrói esse passado.

Os tempos do pretérito são usados com certa frequência, quando o narrador é ator do enunciado. Vemos isso em *Memórias Póstumas*, em alguns trechos e capítulos.

Trecho - p; 75

“Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito outras enfim não fazia nada; deixava atoar de idéia em idéia, de imaginação em imaginação, como uma borboleta vadia ou famita. E as horas iam pingando uma a uma o sol caía as sombras da noite velavam a montanha e a cidade Ninguém me visitava; recomendei expressamente que me deixassem só. (ASSIS, 2008, p; 75)

A sequência de verbos no pretérito imperfeito marca ações que não são do Brás Cubas, defunto-autor, pseudo-enunciador, mas, por sua vez, marca o ator do enunciado, o Brás Cubas “vivo”, “jovem”. Nota-se a repetição dos verbos no tempo do pretérito imperfeito: “caçava, dormia, lia, caía, visitava, deixasse”. O verbo “recomendei” é um pretérito perfeito, que dá um sentido de algo acabado.

Portanto, as retrospectivações mostram as ações do ator do enunciado e também na obra com jogos de sentido que tratam das ações do defunto-autor. (melhorar)

5.7 Tempos em perspectivação

Neste tópico, abordaremos questões referentes aos tempos concomitantes com o agora da enunciação. Primeiramente, o agora é sempre um tempo que marca a concomitância da enunciação entre os marcos dos acontecimentos e os marcos da referência ora relacionado aos comentários do pseudo-narrador. O “agora” nesses comentários tem a função de trazer o enunciatário para o momento da enunciação.

Trecho (p. 19)

“Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que

deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: (...)” (ASSIS, 2008, P.19)

O narrador vem em uma sequência de fatos que aconteceram em um tempo anterior ao da enunciação. O agora chama atenção para o tempo da enunciação em que ele está enunciando; isto é, para o presente, para a enunciação enunciada.

Vemos isso também no trecho seguinte. Há, nele, claramente, um enunciatário: “Tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que iria influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos.” Mas, o trecho ainda indica outro enunciatário: a própria Virgília, caso ela esteja ainda viva e esteja a ler o romance. Chamamos atenção para o agora da enunciação: “Crê que era tão sincero, então, como agora; a morte não me tornou rabugento, nem injusto.” Esse agora traz o enunciatário para o momento de Brás Cubas, pseudo-narrador.

Trecho- p. 77

“Tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que iria influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos. Tu que me lês, se ainda fores viva, quando estas páginas vierem à luz , tu que me lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando te vi? Crê que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento , nem injusto.”

Calbucci (2010, P. 182) destaca isso:

“Pode-se dizer que o narratário principal do romance é o “leitor” , a quem o narrador se dirige várias vezes. Mas há outros narratários, instalados pontualmente no texto, como os quais o narrador também conversa. Seria possível imaginar que esses subnarratários são, na realidade, pseudo-narratários, que vão de atores do enunciado a conceitos abstratos e figuras personificadas e que são menos narratários propriamente ditos (cuja a instalação no texto pressuporia a possibilidade de uma interlocução) do que atores que contribuem para a produção do efeito de multiplicidade de vozes que caracteriza o romance.”

Esse “agora”, nesse ponto do texto, é um reflexo disso. O agora leva esse enunciatário, narratário para o tempo do Brás Cubas pseudo-narrador. Analisemos outro trecho:

Trecho – p. 18-19

“E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos... **a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até as ribas de uma Áfirca juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente**, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara e o som estrídulo de na navalha que o amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral e o corpo fazia-se me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma.” (ASSIS, 2008,)

O enunciado “agora quero morrer tranquilamente” traz para nós um agora que é o da enunciação e, por sê-lo, seria um tempo do pseudo –narrador. Entretanto, o pseudo-narrador já morreu. e então, esse agora não poderia ser sentido por ele. Por outro lado, quem está morrendo é o ator do enunciado. Parece-nos, neste ponto da narrativa, já uma hibridização do pseudo-narrador, ator da enunciação, e do ator do enunciado. E isso implica uma hibridização entre os tempos. Cruz (2009, p.189) chama isso de “sincretização do narrador com os actantes do enunciado”, pois “Brás é ao mesmo tempo actante da enunciação enunciada e do enunciado, conduz a narrativa e dela participa.”

O agora da enunciação presentifica também o passado. É o presente histórico.

Trecho – p. 48

“**Vejo-te ainda, agora** entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco capote, lenço na mão, clava à mostra , barba rapada; **vejo-te sentar , bufar , grunir, absorver** uma pitada inicial, e chamar-me depois à lição **E fizeste isto durante vinte três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da Rua do Piolho**, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia desde o grande mergulho nas trevas, **e ninguém te chorou , salvo um preto velho**. Ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita.

Na primeira parte do trecho acima, encontramos verbos no presente “... vejo- te sentar, bufar, grunir, absorver...”. O emprego dessa série de verbos indica que o narrador está presentificando o passado. O fato aconteceu, mas ele traz para si “ como se fosse no agora”, no momento da enunciação. O emprego do pretérito perfeito traz a oposição entre passado e presente.

5.8 Memórias em zigue- zague

Foi por opção metodológica nossa que separamos as prospectivações, as perspectivações e as retrospectivações na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Na realidade essas perspectivações, retrospectivações e prospectivações funcionam concomitantemente no romance, trazendo os diferentes efeitos de sentidos. Um dos principais é o efeito zigue-zague ou digressões.

Memórias Póstumas de Brás Cubas apresenta, em alguns trechos, tempos embreados. Quanto aos tempos embreados são esses que retornam à instância da enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria de tempo. (GREIMAS E COURTÉS, 2008).

O tempo da enunciação enunciada é embreado quando há um retorno a enunciação. A embreagem produz a suspensão da oposição entre certos termos da categoria de tempo. Ao contrário da embreagem, a debreagem cria uma instância enunciada, em que os tempos do enunciado simulam os tempos da enunciação.

A embreagem acontece quando há uma neutralização entre os tempos. Desse ponto de vista, segundo Fiorin (1996, p. 192) os tempos verbais podem se neutralizar entre: a) um tempo enunciativo e um enuncivo; b) um termo da categoria topológica e outro, dentro do mesmo sistema ou subsistema temporal; c) um termo da categoria topológica com um outro sistema ou subsistema temporal.

Vejamos alguns trechos embreados em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

“Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, **agora austera**, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela e é, todavia, mais que passatempo.” (ASSIS, 2008, p. 22)” (grifo nosso)

No caso acima, “o agora” tem um sentido de passado, pois “agora austera” não é o agora da enunciação é uma “agora” que tem um valor de algo que já é anterior ao momento da enunciação.

Outros casos em que isso acontece:

“Sim, senhor, amávamos. **Agora, que todas as leis sociais no-lo impediam, agora é que nós nos amávamos de veras.** Achávamo-nos jungidos um ao outro, como as duas almas que o poeta encontrou no Purgatório (...). Pobre Destino!!! Onde **andarás agora, grande procurador dos negócios humanos?** Talvez estejas a criar

pele nova, outra cara, outras maneiras, outro nome, e não é impossível que.. Já me não lembra onde estava... Ah! nas estradas escusas. Disse eu comigo que já agora seria o que Deus quisesse.(ASSIS, 2008, p; 117) **(grifo nosso)**

No trecho acima, temos dois “agora”. O primeiro é: “agora é que nós nos amávamos de veras”. Percebemos que este agora é embreado, neutralizado com um tempo de valor passado. Isso se define ainda mais pelos verbos: “impediam”, “amávamos”, “achávamo-nos”, que, por estarem no passado, reforçam ainda mais a ideia de que este *agora* está neutralizado, pois para que um tempo seja presente, o momento de referência, o momento do acontecimento e o momento da enunciação têm que ser concomitantes. No caso acima, temos um “agora” cujo momento do acontecimento e o momento de referencia não são concomitantes ao momento da enunciação.

No trecho “Onde andarás agora, grande procurador dos negócios humanos? Talvez estejas a criar pele nova, outra cara, outras maneiras, outro nome, e não é impossível que.. Já me não lembra onde estava... Ah! nas estradas escusas. Disse eu comigo que já agora seria o que Deus quisesse.” Nesse, caso o advérbio “agora” está apontando para a enunciação enunciada. É um tempo concomitante ao momento da enunciação, ainda que o “andarás” aponte para o tempo posterior ao agora da enunciação, diferentemente do segundo que é neutralizado como sendo um tempo passado.

Nos trechos abaixo, outro exemplo de presente neutralizado com o tempo passado:

“Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição agora é que ele se desbancava: comprou um escravo e eia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto.” (ASSIS, 2008, p; 136)

“Era um bom rapaz esse Cotrim; passara de estróina a circunspecto. Agora comerciava em gêneros de estiva labutava de manhã até a noite com ardor, com perseverança.” (ASSIS, 2008, p. 72)

Em ambos os trechos, o agora remete a algo que é anterior à enunciação, ao passado, estando, dessa forma, neutralizado presente e pretérito

Intitulamos este capítulo de *Enunciação do tempo ou tempo da enunciação* porque em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* há um jogo enunciativo na construção (enunciação) do tempo de forma que, esse jogo se estabelece entre o tempo do narrado no romance e o tempo da enunciação, que é o da produção da enunciação, o tempo da narração. Na obra inteira, vemos uma grande tensão sobre esses dois aspectos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O tempo é efeito de sentido produzido na e pela enunciação.” Fiorin

Este trabalho teve como objetivo analisar os mecanismos enunciativos de temporalização em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, para a apreensão dos efeitos de sentido das subversões e dos desdobramentos temporais que dão à referida obra um caráter singular de inovação narrativa e complexidade enunciativa. Fizemos isso analisando os mecanismos de temporalização que operam nas prospectivações, nas retrospectivações e nas perspectivações temporais dos acontecimentos narrados.

Antes de tudo, neste trabalho ficou evidente que o tempo é uma pura construção da enunciação. A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* narra um “defunto- autor para quem a morte foi apenas o começo”, por isso, esse defunto-autor considera-se apto a fazer quaisquer que forem as digressões temporais. Em todo momento, ele dialoga com o leitor e o guia através dos tempos, em uma narrativa, em que, por vezes, passado, presente e futuro se confundem.

Ao analisarmos essa obra, pudemos concluir que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é riquíssima, do ponto de vista enunciativo. Debreagens e embreagens são as responsáveis por todos os deslocamentos temporais na obra, pois a enunciação deixa marcas nos enunciados, de modo que foi possível analisar tanto seus mecanismos quanto os sentidos.

Ao analisarmos os mecanismos enunciativos temporais, vimos que o “agora” embreado com valor de passado sempre é um tempo corriqueiro na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O “agora” com valor que lhe é próprio também aparece na fala do narrador pseudo-enunciador. Os tempos do pretérito estão relacionados à fala do narrador.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, os níveis enunciativos são complexos. Em um primeiro momento, temos um enunciador que “aparece” no prólogo assinado como “Machado de Assis”. Ele fica pressuposto em todo romance, pois dá a voz a Brás Cubas, narrador da obra, mas que se passa por pseudo-enunciador, que às vezes fala na obra como interlocutor. A artimanha influencia, sobremaneira, o tempo na obra, pois se vê que o ator da enunciação emprega os tempos enunciativos, enquanto que o ator do enunciado emprega os tempos enuncivos.

Destacamos também que *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a partir do título, já possui suas subversões enunciativas de tempo, pois vimos que *Memórias* aponta para algo que já foi vivido e *Póstumas* para algo que é escrito pós-morte. Então, há uma tensão constante no romance entre *Memórias* e *Póstumas*.

Quanto as prospectivações, os tempos que possuem tal sentido adiantam ou postergam algum quadro da narrativa, além de também preanunciarem as digressões. As retrospectões são constantes por estarem em uma obra produzida em *flashback*. As perspectivações, por vezes, têm o sentido de levarem à enunciação, sendo assim marcas das debreagens enunciativas, mas também podem se neutralizar, dando ideia de algo passado ou futuro. Destacamos também que, em relação às debreagens e embreagens temporais, os advérbios cumprem papel de destacar o sentido das prospectivações, das retrospectivações, das perspectivações.

Apontamos que esse trabalho ainda poderia ser muito explorado pelo ramo da Semiótica Tensiva, entretanto, não foi nosso interesse debruçarmo-nos sobre isso. Outra questão que nos chamou atenção durante toda a análise é que, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, há muitos trechos em que pudemos notar a necessidade de um trabalho que estude o percurso figurativizado do tempo presente nesses escritos de Machado de Assis..

Além disso, há uma discussão que pode ser levantada ainda a partir desse trabalho: dado que há autores que falam em polifonia e defendem um hibridismo entre as instâncias enunciativas, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pode ser considerada uma obra polifônica ou não?

Portanto, esta pesquisa buscou analisar os mecanismos enunciativos de temporalização em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, para a apreensão dos efeitos de sentido de transformações, subversões e desdobramentos temporais, que dão ao livro um caráter singular de inovação narrativa e complexidade enunciativa de suma importância na constituição da singularidade dessa obra, marco do Realismo Brasileiro.

Concluimos que, com toda certeza, uma das categorias de destaque da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é a temporalidade, sempre colocada de maneira tão subvertida na obra.

REFERÊNCIAS

AGUIAR JÚNIOR, Jair Rodrigues de. **Comeu o eterno e deixou o minuto: o tempo da escrita em Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis.** 2006. 150 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas.** 2^a. ed. São Paulo: Elevação, 2008. 245 p. Edição Especial do Centenário de Morte de Machado de Assis.

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas.** São Paulo: Elevação, 2010. 336 p. Clássicos Abril Coleções.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos.** 1^a ed. São Paulo: Atual, 1988. 172 pp. Série Lendo.

_____. **Teoria Semiótica do Texto.** 4^a ed. São Paulo: Ática, 2007. 95 p. Série Fundamentos.

BENVENISTE, Èmille. **Problemas de Linguística Geral I.** 2^a ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. 413 p.

_____. **Problemas de Linguística Geral II.** 5^a ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. 387 p.

BERTTRAND, Denis. **Caminhos de Semiótica Literária.** São Paulo: Edusp, 2003. 442 p.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** 43^a. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CÂMARA, Júnior. **O Discurso Indireto Livre em Machado de Assis.** Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero06/num06artigo01.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

CALBUCCI, Eduardo. **A construção do ator da enunciação em romances com narrador-personagem: a experiência machadiana em Memórias Póstumas de Brás Cubas:** 2007. 435 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

_____. **A enunciação em Machado de Assis.** 1^a ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2010.

CRUZ, Dílson Ferreira da. **O Éthos dos Romances de Machado de Assis: Uma Leitura Semiótica.** 1^a ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009. 424 pp.

FACIOLI, Valentim. **Um defunto Estrambótico**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2008. 184 p.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da Enunciação**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1996. 316 pp.

_____. **Elementos de análise do discurso**. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Em Busca do Sentido**. São Paulo: Contexto, 2008. 186 p.

124 p.

HAMMAD, Manar. **L'énonciation: procès et système**. In: *Langages*, 18^e année, n°70, 1983. La mise en discours, sous la direction de Herman Parret. pp. 35-46.

JAKOBSON, ROMAN. **Linguística e comunicação**. 1ª edição. São Paulo, Cultrix. Disponível em: <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>.

FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B.; FINATO, M. J. B.; TEIXEIRA, M. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009. 284 p.

GENETTE, Gerard. **Discours Du Récit: essais de méthode**. 1ª ed. Paris: Seuil, 1972. 435 p. Série Points.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo, Atlas, 1999 1999.

GREIMAS, A. J; COUTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. 544 p.

GREIMAS, A.J. **L' Enonciation: une posture épistémologique**. In: *Significação- Revista Brasileira de Semiótica*, n° 1, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP), 1974, pp. 09-25.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas Guimarães. **Os leitores de Machado de Assis**. 2ª ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2012. 462 p.

HUISS. **Dicionário Huiiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011. 1078 p.

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. 1ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973. 259 pp.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010. 312 p.

NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988. 85 p. Série Fundamentos.

PONTES, Eunice Souza Lima. **Espaço e Tempo na Língua Portuguesa**. 1ª ed. São Paulo: Pontes, 1992. 87 p. Série Linguagem e Ensino.

.

RIEDEL, Dirce Côrtes. **O tempo no romance machadiano**. 1ª ed. Rio de Janeiro: São José, 1959. 161 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28ª ed. São Paulo: Coutrix. 312 p.

TODOROV, Tzvetan. **Les catégories Du récit littéraire**. Communications. Paris, Seuil, v. n. 8, 1966.

WEINRICH, Harold. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje**. 1ª ed. Madrid: Sán Pacheco, 1968. Editorial Gredos. 328 p.